

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

A TUBERCULOSE e a Protecção à Criança

Pelo Prof. J. Martins Lima

A tuberculose, mórmente a de carácter pulmonar, vítima milhares de pessoas, anualmente. Em 1950, morreram em Portugal, devido a essa terrível e pertinaz doença, onze mil e quinhentas pessoas. Em 1952, deu-se uma baixa sensível, é certo, mas perderam ainda a vida cerca de oito mil. Em face do que expomos, é francamente aterrador e alarmante o que se passa no nosso País, no tocante à mortalidade pela Tuberculose.

A taxa de tuberculosos em Portugal, por cada 100.000 habitantes, é altíssima, se a confrontarmos com as respectivas cifras de outros países. Em 1950, morreram em média, por 100.000 habitantes, perto de 150, com tuberculose. Em 1952, a taxa baixou, notória e consideravelmente, para 99, mercê da acção do Governo. Mas convém um exame comparativo com outros países:

Em 1950 — Dinamarca (taxa por 100.000 habitantes) 13;

Em 1950 — Estados Unidos, idem, 25;

Em 1948 — Islândia, idem, 54;

Em 1947 — Suécia, idem, 51;

Em 1947 — Inglaterra, idem, 55;

Em 1950 — França, idem, 57.

Como disse o Senhor Subsecretário da Assistência Social, em discurso proferido em Braga, no encerramento da Semana da tuberculose, «a Inglaterra, a Suíça e a Holanda tinham já em 1952 uma mortalidade inferior a 25 por cem mil habitantes». Conclui-se que, na Inglaterra, de 1947 a 1952, a taxa baixou para menos de metade. «A Dinamarca é o país do mundo menos tuberculizado, como afirmou o Dr. Berthet, consultor oficial da tuberculose na O. M. S.

«O que me surpreendeu profundamente na Dinamarca (diz ainda o Dr. Berthet, num dos seus últimos relatórios) foi a organização, a perfeição e a minúcia com que são utilizados todos os meios; é a concepção de que a luta anti-tuberculosa constitui um todo e que devem ser simultaneamente satisfeitas as exigências profiláticas, curativas e sociais».

E ainda, segundo o relatório do mesmo Doutor Berthet, «morrem por ano 10 tuberculosos, por 100.000 habitantes, numa cidade da Dinamarca, 35 na Suíça, 57 na França, 200 na Turquia».

Em Portugal, para a mesma época, ano de 1951, — 269 em Lisboa e 559, no Porto! Estes números são exactos e correspondem à realidade. Os elementos referentes a Portugal foram respigados da notabilíssima Conferência, proferida em 1954, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, pelo ilustre Prof. Cateadrático da Universidade do Porto, Doutor A. Lopes Rodrigues, Director e alma-mater da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal.

A assistência aos tuberculosos iniciou-se, entre nós, verdadeiramente, com o impulso e a acção benemérita da Excelsa Rainha D. Amélia, de colaboração com o médico do Paço, Dr. António de Lencastre!

Ultimamente, com a reorganização dos serviços hospitalares, com a construção de inúmeros dispensários e sanatórios de altitude, planície e marítimos, mercê de avultadas participações do Estado e da iniciativa particular, muito se tem feito na campanha anti-tuberculosa, mas o quadro é ainda aterrador e alarmante e urge abordá-lo energicamente, em toda a sua amplitude.

Uma das maiores instituições em luta contra a Tuberculose é, sem dúvida, a Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal. A sua acção, intensíssima e relevante, merece o carinho e o auxílio de todos. Superiormente dirigida pelo distinto Prof. Doutor A. Lopes Rodrigues, ilustre Clínico, que tem sacrificado a sua vida na luta heróica, abnegada e sacrossanta pela recuperação física de milhares de doentes e de milhares de crianças pobres e predispostas à tuberculose, a A. T. N. P. é uma instituição modelar, baseada nos mais sãos princípios do verdadeiro Amor Cristão, da verdadeira e lídima Caridade Cristã — «o amor do próximo, por amor de Deus!»

Posui esta benemérita, humanitária instituição dois preventórios infantis para crianças em perigo de contágio e predispostas à tuberculose, actualmente com uma lotação de cerca de 150 crianças

— o Preventório Infantil do Monte Pedral para crianças da 1.ª infância e meninas até aos 12 anos — e o Preventório Infantil de Rio Tinto, para rapazes, e em ampliação, o que leva a lotação dos dois preventórios para mais de 250 camas. Além do Dispensário Central, tem ainda mais um Dispensário Infantil, onde são observadas e convenientemente tratadas, pelos métodos mais recentes, as crianças em convívio com os pais ou outros familiares tuberculosos.

Mas prometemos voltar ao assunto, pois o tema é verdadeiramente de alto interesse nacional e todos devem dar o seu contributo para a humanitária Cruzada, para a Obra benemérita e sacrossanta de socorro e protecção aos tuberculosos e crianças pobres!!!

«A BRIOSA» de Capa e Batina

Um ilustre deputado da Nação censurou no Parlamento o uso da capa e batina, em estado de rota. E teve este comentário:

«Se o traje tradicional académico fosse de manter, como lhe parecia assisado, se regulamentasse e se exercesse, de princípio, severa fiscalização, especialmente nas grandes cidades, por forma a evitar abandonos e desleixos que provocam repulsa geral e descrédito de um traje de tão veneranda proveniência e de tão nobres tradições».

Na verdade, as capas dos académicos exibem-se por aí a modo de esfarrapadas. São cortadas, golpeadas à tesoura, em obediência — à praxe.

Ora, semelhante praxe, é ridícula. Mais que isso: é sintoma de mau gosto.

Se com esta exibição tem o estudante em vista dar-se ares de boémio, havemos de concluir: que

Presidente da Câmara

Esteve em Lisboa a tratar de assuntos de muito interesse para o nosso Concelho, tendo regressado já a esta cidade, o ilustre Presidente da Câmara Municipal sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira.

GAZETILHA

Por causa da máquina...

Também venho acompanhando A discussão no jornal Que há tempos se vem travando E que se vai elevando Num aspecto social.

Discutir é fazer luz — Lá diz a sabedoria — E quem discute deduz...

Desde que haja a intenção De fazer boa doutrina Sem softismar a questão.

Está na berlinda um assunto Que não é para qualquer Pois dá cabo do bestunto De quem nele se envolver. O mais agudo dilema Se apresenta ao estadista. — E' sempre a crise um problema E não há quem lhe resista.

Ou há pulso e energia Num sentido de Justiça Ou impera a rebeldia.

Só no trabalho se encontra A paz, a felicidade. Recusá-lo é uma afronta Que manifesta maldade.

Na máquina há produção? — Mas o homem sente e pensa, Tem alma e é nosso irmão!

A não ser que na euforia De tudo mecanizar O homem acabe um dia Dando à máquina o lugar. Será ela então na Terra Em proporções que lhe ligo, A causa que a vida encerra Noutras coisas que não digo...

Neste drama tão profundo Stoirem de vez com o mundo!

C. T. Continua na 5.ª página

PROBLEMAS DE GUIMARÃES Na agonia e morte do Burguês

III

Para o progresso de Guimarães outros problemas surgem com acuidade e que também não foram indiferentes ao ilustre Ministro das Obras Públicas.

Em primeiro lugar impõe-se como obra de necessidade absoluta o saneamento da cidade.

Isso está desde há muito em estudo pelos técnicos, aguardando-se a ultimção dos seus trabalhos para se dar início à obra.

O sr. Eng.º Arantes e Oliveira atravessou a rua da Arcela onde verificou a miséria da salubridade daquela rua, os charcos de podridão, os escorros de águas sujas através daquela artéria onde as crianças em promiscuidade se enlameiam. De facto, instalada a água em toda a cidade, urge como necessidade primordial o saneamento geral das ruas e habitações.

Essa necessidade vai ser enca-

rada com brevidade pela rua da Arcela dados os perigos que pode acarretar a falta de higiene e salubridade da referida rua.

A Câmara da Presidência do dr. J. Castro Ferreira entendeu com justiça satisfazer uma aspiração digna de todos os vimezanenses — o Parque de Jogos da Cidade. Desde início do quadriênio foi posta a questão e abraçada a ideia tendo levado este tempo todo, como é do conhecimento dos vimezanenses, em demarches que se prenderam com a compra dos terrenos. Felizmente a maior parcela de terrenos foi já comprada e em breve dar-se-á começo à terraplanagem.

Está assim em curso mais esta obra que se deve à actividade incansável do ilustre Presidente da Câmara, como se lhe deve também os trabalhos em pormenor para adquirir os terrenos que se destinam à implantação da Central de Camionagem e uma rua de acesso.

A Central de Camionagem é sem dúvida um problema que se impõe em Guimarães e que é uma nota de progresso para a nossa terra, atendendo a que em Portugal verdadeiramente ainda vai ser a primeira obra no género.

Ansiamos pela sua construção, como todos os vimezanenses, e esperamos assim um melhor tráfego dentro da cidade.

Outros problemas locais mereceram ainda a atenção do Titular das Obras Públicas tendo estudado o local de implantação do novo Liceu e Escola Técnica. Todos os vimezanenses reconhecem a necessidade de novos estabelecimentos de ensino, mais adequados e ampliados, para fazerem face à crescente frequência do ensino secundário. Os actuais são pouco confortáveis, pouco higiénicos e não têm capacidade de frequência desde há muito.

Reconhece-se também que as Escolas Primárias dentro da cidade são deficientíssimas. Pensa-se por isso na construção de novos Blocos Escolares na futura Avenida Salazar e noutras novas artérias. Com essas construções poder-se-ia depois adequar as actuais Escolas Centrais em Casa dos Pobres e Albergue Municipal.

Guimarães precisa de facto de reformar a sua assistência aos pobres, modificando-a, ampliando-a e sobretudo tornando-a mais eficiente. Há necessidade de centralizar os serviços de assistência aos pobres, o que só será possível com um albergue municipal.

A Câmara de Guimarães subsidia diversas casas de pobres do concelho, como é do conhecimento dos munícipes, e ainda o Albergue Distrital com o que, segundo consta, nada lucra.

Esse subsídio destinado ao Distrito poderia assim ficar no nosso Albergue o qual seria ainda contemplado pelo estado, como é costume. Os munícipes por sua vez sabendo que os pobres do concelho eram ali internados e tratados devidamente seriam muito mais generosos.

Queremos que os verdadeiros pobres sejam tratados como merecem, não com uma esmola, mas com o dever de gratidão, social e humano, daqueles que podem.

E dentro ainda do plano de obras

esta «boémia» não é reveladora de espírito ou graça.

O espectáculo é pelintra. Não é decente. Mais parece ostentação de relaxamento.

Deve-se respeito à capa coçada, pela acção do tempo. Ninguém ri do pobre à sua capa esfarrapada. Já Hilário em noites luarinas de serenata, cantava:

A minha capa velhinha Tem a cor da noite escura; Nela quero amortalhar-me Quando for pra sepultura.

Este amor à capa velhinha fala ao coração. E' lirismo, grato ao nosso sentimento. Representa testemunho de simpatia ao traje. A velhinha da capa, é respeitável.

Estudante que não use, com decore, o seu traje escolar, compromete-se. Não a si, apenas, mas a instituição de que faz parte.

Quem os vê, de capa abandalhada, não pode deixar de os achar repulsivos.

Foi essa repulsa que levou o deputado da Nação a propor contra semelhante espectáculo, uma «severa fiscalização».

E' que o sórdido, nem como praxe merece assentimento. A sua exibição deseduca.

Concede-se à juventude académica, por direito natural, que pratique certas extravagâncias condenadas.

Pretendem com tal uso pelintra dar nas vistas, chamando para si a atenção de quem passa?

Na verdade, o caso é reparado. Neste reparo não há aplauso, mas censura. A ponto, como vêem, de se pedir para esse abuso de liberdade, uma «severa fiscalização» proibitiva.

Quer dizer: Não tarda muito que para o caso seja chamada a atenção da policia. Prova de que tais capas golpeadas ofendem os bons costumes.

Sabem de onde proveio esta praxe, que eu reputo reles?

No *Palito Metrico* — uma colectânea de coisas exóticas usadas no centro universitário de Coimbra, no século XVII — ministra-se aos caloiros uma série de con-

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

As novas INSTALAÇÕES duma importante Agência

A conceituada firma Teixeira & Freitas Ltd.ª, constituída pelos nossos prezados amigos srs. dr. Brochado Teixeira e Luís de Freitas, agente neste concelho da «Cidra» e da «Sacor», importantes Companhias, e, agora, da afamada marca de automóveis N. S. U., inaugurou solenemente na 2.ª-feira passada, as suas modelares instalações, com standes de exposição, no Largo dos Navarros de Andrade, desta cidade, em edificio moderno e há pouco construído.

Aquele acto registou grande concorrência de pessoas desta cidade, do Porto e de Lisboa, tendo estado entre os presentes e além de outras individualidades cujos nomes não pudemos registar, os srs.:

Tenentes Diamantino Nascimento Morgado e Poças Falcão, respectivamente, Comandantes da G.



Durante o «Porto d' Honra» que se seguiu à inauguração

10)

Por EDUARDO D'ALMEIDA

(Continuação do n.º 1249)

Mas em que não temos fé? Talvez... na ilusória possibilidade efectivante da própria e plena vida humana, inteira, profunda, e humanamente vivida, com aquela dignidade que a lição dos séculos acendeu na inteligência e avigorou como elementar condição moral e social, se não até mesmo física, do nosso tempo: sem tocarmos, sequer pela rama, os problemas angustiosos por tantos espíritos superiores sugeridos, como *Unamuno*, *Fidelino de Figueiredo*, *Alexis Carrel*, *Lecomte de Noüy*, etc. O contraste dilemático — Poesia ou Dinheiro? — do atribulado romantismo de *Camilo*, em que se reflectia, espectral, sua íntima crise neurótica, era de leitura acolhedora e afável no lar da burguesia de então, em que o seu riso cruel (justa observação de *Bruno* a propósito de certas frases sobre os *Críticos do Cancioneiro*) «que cerce dissimulava muitíssimas dores», e do amargo, doloroso sarcarmo, ao ser acompanhado do estoio das gargalhadas que provocara, ficaria a ecoar tão funéreo como os versos tumulares de *Soares de Passos*. Esses burgueses da novelística e fantasia camiliana eram sombras mortas, de ontem, de hoje, ou de sempre, farrapos titerescos, mas já, em qualquer tempo, fora do tempo.

Como naquele episódio dos *Seroens de S. Miguel de Seide* (a farsa trágica dos dois Viscondes... Poesia ou Dinheiro?...), só algum ladino e mais saudosos ou depravado, regougaria lascivamente — «Fruta do meu tempo! Fruta do meu tempo!» O que está muito longe, ou mesmo oposto, a querer significar que em tais personagens, *Camilo* as falsificasse ou sejam exclusivas criações de ficção literária. São, bem ao contrário, figuras vivas, e reais que em si encarnam vários indivíduos daquela espécie.

A divisão literária em escolas, sistemática e hermética, romantismo, naturalismo, realismo..., é muitas vezes, além de confusa, deturpada: *Camilo*, o romântico, é do mais perfeito realismo, e do melhor, tantas vezes não menos profundo do que o de *Flaubert* ou *Eça*, não só quando propositado, como em *Eusébio Macário* ou *A Corja*, mas em muitos dos havidos como de sua feição característica, a *Brasileira de Prazins*, *Novelas do Minho*, *Vinte horas de liteira*, *Memórias do Cárcere*, como em várias páginas de *Noites de Insónia* e de *Lamego*, *Ecoss humorísticos*, e, nos já citados *Serões de S. Miguel de Seide*. Na «história sentimental» do *Segundo Comendador*, onde, em cenário velado de verdadeira e sentida saudade — como só a pode sentir o emigrado que, depois de muitos anos de ausência, regressa à aldeia natal e encontra envelhecida a moça fresca, encanto de seus anos de moço — eleva a herói, cheio de humana comção, um *brasileiro*, só por si bastante a perdoar-lhe todos os vitupérios mordazes, páginas afinal de enlevante lirismo, sem transcenderem a verdade real.

Pois que se diga também que, se, entre as personagens de sua romantização literária, há, em bom português, figuras e episódios em diversa escala, o fidalgo e o vilão, o judeu e os do Santo Ofício, Inquiridor ou Familiar, o ódio e o amor, a virtude e o vício, o bem e o mal, em que há e sobressaem verdadeiros quadros nacionais, históricos ou do seu tempo, essas que flagelou de ridículo, não são menos autenticamente nossas, como o próprio facto dá sua perdurabilidade na leitura cuidadosa dos interesses em nossa leitura, ou leitura dos nossos escritores, o demonstra. *Camilo*, ao mover e comentar o *brasileiro*, não lhe criou o ridículo. Esse andava no povo.

Bruno, no mesmo esboço crítico acima referido — *O Brasil Mental* —, obra de verdadeira envergadura, com sólida evidência, o demonstra — pág. 16 e seg. da ed. de 1898. Interessante, ainda hoje, para desfazer o contraste, superiormente combatendo o mau juízo ou prejuízo de *Luciano Cordeiro*, entre o «falso brasileiro» de *Camilo* e o não menos falso — «excepção idealista» — de *O Brasileiro Soares de Luís de Magalhães*.

(Continua.)

Os Municípios

II

Em França entende-se que «asim como o regime republicano deve permitir ao país que se governe por si, também a descentralização deve dar às colectividades

locais o direito de se administrarem no seio da comuna e do departamento, mediante os seus eleitos, e respeitada a unidade nacional.»

E este respeito fica garantido, (Van Poelje em «Creptículo dos municípios»), desde que. 1.º — os interesses confiados à autonomia comunal tenham carácter exclusivamente local, visto que só o seu particularismo justifica a competência dos poderes locais; e, 2.º — a intervenção destes não ultrapasse o limite da possibilidade de resolução dos assuntos a tratar

Em Portugal já tivemos um código administrativo, o de Rodrigues Sampaio, que dava plena satisfação a estes princípios; nele era concedido às autarquias locais a autonomia que lhes é indispensável para a eficácia das funções que lhes devem competir, sem tutela que lhes tolha a liberdade de acção, nem hierarquias forçadas que inutilizem a iniciativa e energia dos seus vogais.

Do parecer da Comissão de Administração Pública que incumbiu sobre o seu projecto, quando subme-

Melhor fruta

Quem haverá que nunca tivesse reparado no encanto de uma árvore vestida de frutos, quer estes fossem de dourada laranja, o aveludado pêssego ou a carminada maçã?

E quem resiste à tentação de se deliciar com eles, quer seja com o perfumado dum pêssego J. H. Hale, o assucarado e refrescante de uma laranja Baía, ou o amanteigado e fundente da polpa de uma pera Beurré Bosc?

Pois se foi um fruto, o escolhido pelo Criador para Eva tentar Adão! A fruta é, na verdade, um regalo para os olhos, um prazer para o gosto e um bem para o organismo, fonte inesgotável como é de princípios calóricos, mas, principalmente, de vitaminas.

Não possuimos à mão dados que nos revelemos o elevado consumo que da fruta se faz em todo o mundo, que, comparados com os referentes ao nosso país, seriam uma

tido à apreciação do Parlamento, — isto passava-se em 1878 e em regime monárquico —, respigam-se afirmações que continuam hoje a ser oportunas e calam na consciência de todos que se interessam pela independência política e boa administração dos seus concelhos.

«A autonomia dos municípios está vinculada às tradições do país e às suas condições históricas».

«Qualquer que seja a origem das instituições municipais, é inegável que o município, como facto histórico, é uma instituição secular que serviu sempre de anteparo às tendências despóticas do poder central».

«Estes pequenos agrupamentos de população, (os municípios), revestidos do prestígio do direito romano, atravessaram o período tenebroso da idade média, sobrenadaram na torrente das revoluções, insurgiram-se contra as demasias do poder absoluto, e quando a liberdade era combatida pela centralização, encontrava sempre ali o seu reduto de defesa».

«... a vida municipal não fica à mercê de especulações políticas e «no tocante às câmaras municipais assegura o projecto todas as garantias de independência para as suas decisões». «Deve deixar-se às Câmaras a mais ampla liberdade no lançamento de impostos, alargando-lhes esta fonte de receita de modo que possam satisfazer todos os encargos... concede-se-lhes todos os meios de que precisem para a conservação da sua existência autónoma».

«O regulamento das contribuições dos municípios, variando consoante as necessidades, os hábitos e as facilidades naturais de cada um deles, será ao mesmo tempo um título da sua emancipação do poder central».

Este parecer, que respeita a um código que as cortes gerais decretaram e o Rei sancionou, é assinado por estadistas eminentes da época, do mais elevado mérito intelectual, do mais puro conservantismo nacionalista, como os viscondes de Sieuve de Meneses e o de Moreira de Rey, Tomaz Ribeiro, Jerónimo da Cunha Pimentel, Júlio Marques de Vilhena, etc., e a essência dos seus princípios ainda permanece intacta na consciência da maioria daqueles a quem as actividades desportivas, predominantes no momento que passa, não esgotam na totalidade a energia mental.

Não é fácil de compreender nem de aceitar que, sendo esses princípios velhos de muitos séculos, — já em Roma eram conhecidos e seguidos —, tendo resistido à formidável reacção da Idade Média e a tantas revoluções, sendo ainda lei inatacável em tantos países do mundo latino, havendo sido respeitados, embora com períodos de dificuldades, no nosso país, onde o Código de 1878 voltou a ser lei básica por decreto do Governo Provisório da República em 13 de Outubro de 1910, ainda não revogado em 1926, tão depressa, de então para cá, tivessem sido definitivamente condenados ao extermínio, de modo a poder afirmar-se, sob a responsabilidade de um catedrático insigne, que ou se adaptavam às condições do presente, isto é, à sua própria e total negação, ou morriam, o que é, afinal, uma e a mesma coisa: adaptarem-se ou morrerem é igual.

São irritos ou, pelo menos, de efeito efémero, os decretos que procuram atingir o pensamento humano, para o torcer ou extinguí-lo os jogos circenses passam e as ideias são eternas: não há legatários que perdurem; vale a pena, apesar da sentença, uma análise, embora ligeira como tem de ser, à repercussão da crise em que se encontra a descentralização administrativa sobre a vida progressiva da generalidade dos concelhos, especialmente do nosso, bem como sobre a consciência cívica e cultura política dos municípios, na sua condição de elementos e índices da civilização nacional.

indicação eloquente de quanto o deveríamos aumentar. Verdade seja dita, que a passo firme o temos vindo a fazer, de tal modo que, «se tomarmos o índice 100 para o consumo do período 1941-45, verifica-se o índice 179 para o consumo 1950-51» (J. N. F.).

Mas podemos afirmar que o nosso consumo é ainda muito pequeno. Os números que se seguem, são os referentes ao consumo nos mercados de Lisboa e Porto, nos anos que conseguimos obter dados (em toneladas):

	Lisboa	Porto
48	34.347	9.179
49	43.047	9.571
50	39.509	8.857
51	40.895	9.877
52	40.193	8.613

Em Lisboa, a capitação de fruta anda pois à roda dos 40 quilos e 25 no Porto.

Para as restantes zonas do País, embora não possuamos dados que isso nos habilitem a afirmar, as capitações devem ser muito mais reduzidas. E é pena que assim suceda, pois somos um país com admiráveis condições ecológicas para a fruticultura, que, no entanto, salvo raríssimas zonas privilegiadas e diferenciadas no nosso panorama frutícola (Algarve, Alcobaca, Setúbal, Amares, Fundão), se encontra num estado muito atrasado.

Na região, pomares dignos desse nome, bem estabelecidos, cuidados, defendidos das doenças e pragas, quantos haverá? O que há são árvores isoladas, abandonadas a si próprias, às suas tendências naturais, à acção desfavorável do clima e solo, mostruário de toda a casta de doenças e pragas, produzindo fruta que não teria a mínima aceitação em mercados de países de fruticultura adiantada.

E' ver as laranjas que aparecem no mercado, atacadas de todas as espécies de cochonilhas e negras da fumagina, as maçãs e peras com início de podridão, furadas pela traça, manchadas do pedrado, etc.!

E quanto a acondicionamento, um horror!

Seria louvável que se procurasse estimular a fruticultura, mas, antes disso, achamos que se devia educar o comprador a exigir fruta sã, madura, bem apresentada e embalada. E bastariam as medidas que os Organismos competentes entendessem dever tomar, para impedir a venda da fruta que não estivesse nessas condições.

E o resto, viria depois. O produtor teria de cuidar das suas árvores, podando-as, defendendo-as, colhendo os frutos na altura própria, faria a sua escolha e apresentá-las-ia decentemente. Seria razoável que então exigisse outro preço, bem mais elevado do que o ridículo pelo qual normalmente se vende agora. Mas o comprador não se furtaria a pagá-lo, se tivesse a garantia de ser bom aquilo que comprava.

J. C.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte. 40\$00
Dr. Manuel J. de Sousa, sufragando a alma da sr.ª D. Maria Garcia Costa . . . 50\$00
A transportar 90\$00

Contemplámos pessoas muito necessitadas.

DEFESA CIVIL DOTERRITÓRIO

Promovida pela Comissão Distrital da Defesa Civil, constituída pelos srs. Tenente Coronel Armando Nery Teixeira, Governador Civil; Coronel Graciliano Reis da Silva Marques, Comissário Distrital da L. P., e dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal, realizou-se anteontem à noite, no Teatro Jordão, que se via repleto de pessoas, uma sessão de propaganda da Defesa Civil, que decorreu num ambiente de grande interesse, tendo presidido, em representação do Chefe do Distrito, o sr. dr. José Catanas Diogo, ladeado pelas autoridades locais e outras individualidades. Usaram da palavra os srs. Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Comandante do Batalhão 13 da L. P.; Capitão Rui Mendonça e João Augusto de Almeida, professores dos Cursos da D. C., que fizeram patrióticas afirmações e se referiram à necessidade da preparação das populações para a Defesa Civil em caso de um futuro conflito.

Seguidamente exibiram-se dois documentários sobre a Defesa Civil no nosso país, um deles passado na cidade de Viseu.

Guimar, L. da - Construções

Use Gazcidla

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Enquanto as impertinentes, ruinosas e assassinas vagas de frio têm continuado a fazer-se sentir, o contrário se tem verificado no ambiente deste Jornal, aquecido com o calor do entusiasmo com que dois dos seus ilustres colaboradores procuram interpretar uma história que tem como principais personagens o Bezerra, a máquina e a burrinha do Senhor Abade.

O Bezerra, homem honesto e pai de muitos filhos, representa o papel de um sacrificado operário que foi despedido por falta de trabalho, não obstante a sua situação de chefe de família numerosa e sem outros recursos além dos provenientes da sua profissão.

A máquina representa a evolução da técnica e as possibilidades da inteligência humana com resultados que, por vezes, se tornam geradores da expansão do Desemprego, sobretudo nos países onde ainda existe um nível de vida que não suporta os modernos aperfeiçoamentos e sistemas em trabalho, como, infelizmente, sucede entre nós.

A burrinha do Senhor Abade representa o mais cómodo meio de transporte dos tempos menos exigentes e mais humanísticos, ou melhor, daqueles tempos em que a humanidade se encontrava mais integrada na doutrina de Cristo, cuja palavra e cujo exemplo constituíam, apenas, uma lição de humildade e de sacrifício, não se agarrando, portanto, ao prazer da grandeza e da comodidade.

Porém, como assim não acontece nos tempos actuais, o que, aliás, se tornaria incompreensível perante o cérebro humano, porque é nele que se encontram concentradas as células empreendedoras e criadoras da vida progressiva dos povos, eis a razão de assistirmos a complicados aspectos de certos problemas sociais, como aquele que está a ser debatido no «Notícias» por dois articulistas que se encontram em posições diferentes, visto que um se inspira na invocação da Vinha do Senhor e outro na dignidade patronal.

Quanto a mim, ambos se encontram envolvidos no desenrolar de raciocínios provocados pela tal história do Bezerra, da máquina e da burrinha do Senhor Abade, e estou convencido de que um e outro procedem no sentido de aclararem situações e deveres sociais, como já foi aclarada a dignidade da classe patronal, onde abundam muitos e muitos exemplos da verdadeira compreensão e da devida consideração pelos operários, embora, como no caso do Bezerra, apareça um ou outro padrão que trate os seus colaboradores como vermes escarvizados pela ganância e pela falta de caridade, negando-lhes o direito à vida, quando, de facto, foram eles os melhores obreiros da sua riqueza.

Como não considero no número destes o articulista que veio em defesa da classe patronal, assim como tantos outros que conheço, entendo que o primeiro que veio a público verberar o procedimento de certo padrão, conforme o relatório, cumpriu um dever de consciência e respeitou a doutrina do seu evangélico Apostolado.

De resto, se a máquina viesse substituir pessoal que encontrasse noutro sector da luta pela vida a garantia do pão nosso de cada dia, tudo ficaria resolvido sem qualquer controvérsia. No entanto, como isso não acontece, teremos de concluir que o aperfeiçoamento da máquina é, sem dúvida, uma revelação da capacidade produtiva, mas se essa capacidade não deve ser indiferente aos que lutam com a concorrência dos produtos manufacturados, surge, por outro lado, a necessidade de remediar os seus efeitos perante a situação dos que ficarem sem trabalho.

Eis a equação do problema em causa, cuja incógnita consiste na forma de o resolver. Não vejo, apesar de tudo, um horizonte de perspectivas demasiadamente negras, porque sempre tenho ouvido dizer: — «Para grandes males, grandes remédios».

Com isto, minha Senhora, não lhe quero roubar mais tempo, mas lembrei-me de que gostaria de conhecer alguns pormenores da história de que lhe falei, pois suponho que terá acompanhado a sua evolução e oportuna discussão, com responsáveis autorizados e idóneos. Por minha parte, limitar-

Vida Rotária

Na última reunião do Rotary Clube de Guimarães, a que presidiu o sr. Albano M. Coelho de Lima, foram tratados diversos assuntos e feitas algumas comunicações. Os presentes tomaram conhecimento de vários expedientes de que deu conta o sr. Antonino Dias de Castro, que secretariou.

Foi designada nova reunião para o dia 7 de Março próximo, data em que um boiseiro de Rotary, de nacionalidade americana, fará a sua visita ao clube vimaranense.

«A Briososa» de Capa e Batina

Continuação da 1.ª página

selhos, de entre os quais, vem este:

«V... passe imediatamente a comprar sua batina, em segunda mão... a fim de não parecer novato, e livrar-se da injúria de lhe chamarem Caloiro, Boroero, Felpuado, e outros nomes que se engendram».

A «segunda mão», neste caso, é o uso, o roto. Havia, ao tempo, uns vendedores de roupa velha, chamados «roupavelheiros». Seria na tenda destes «roupavelheiros», ou prestamistas, que as capas de «segunda mão» iam parar.

E para que não reste dúvida que o conselho do Palito Métrico diz respeito à desalegria, ao abandono da capa e batina, lá se fala, apologeticamente, nos sapatos cambados, de fivelas falsas.

Estes «conselhos», dados por um veterano aos novatos, vêm acompanhados por outros ensinamentos respeitantes ao «calote», ao «Prego», à «bebedice», à «arteirice».

Para fazer rir? Sim, para fazer espírito.

Mas desta má escola, alguma coisa fica de dissolvente.

A capa que para aí se ostenta com escândalo, à maneira de piada, de estroinice, de orgia, é uma resultante da Macarronea inserta no Palito Métrico.

Não sou paladino de elegâncias estudantis. Renego o janotismo. O peralta, apuradinho, não fica bem entre a «malta». Há, todavia, que balisar o limite ao abandono do traje académico.

Sim, porque é feio, é grotesco, exibir a capa, com tiras no rodapé.

A decência requiere compostura, arranjo. Exibir o sórdido, como praxe, é desqualificante. Deseducar-se o povo dando-lhe um espectáculo de pelincria.

E quem oferece este grosseiro espectáculo? Aqueles que estudam, que sobem na escala da inteligência, que vão na dianteira do saber.

Estas considerações feitas à margem da fala do deputado, visam a dar-lhe aplauso.

E que dizer das meninas escolares, igualmente de capa rota? Foram eles, os colegas, que lhes tesouraram a capa, comprometendo-as?

A. L. DE CARVALHO.

Feira Franca e Festa em S. Torcato

Conforme anunciamos já no nosso último número, realiza-se amanhã a Feira Franca Anual e a Festa Religiosa comemorativa do Martírio do Glorioso Santo.

Haverá no Santuário imponentes solenidades religiosas a que a Mesa da Irmandade procura imprimir o maior esplendor litúrgico.

A feira funcionará das 11,30 às 15,30 horas, sendo conferidos valiosos prémios aos melhores expositores.

Espera-se, como de costume, grande concorrência de gente das redondezas e dos concelhos limítrofes, havendo durante o dia um serviço especial de camionetes.

me-ei, depois deste ligeiro devaneio, a fazer como certo indivíduo que gostava de apreciar dois famosos galos a cantar ao desafio, cada um orgulhoso da sua voz melodiosa e austera.

Como V. Ex.ª vê, ainda há histórias que despertam interesse e provocam polémicas jornalísticas e tudo é preciso para que muita gente desanuvie o seu espírito e se conforte o ambiente em que vive, tantas são as contrariedades da vida.

Sem mais nada, por agora, subscrevo-me

De V. Ex.ª
cd.º ven.º e ob.º
X.
Fevereiro de 1968

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

VI

A Máquina — seu bem — seu mal

Nem os cegos ousarão negar a vantagem das máquinas. Elas os transportam, de terra em terra, na sua dolorosa faina de mendigos.

Mas... se ela veio resolver tantas dificuldades da indústria e do comércio, se até trouxe tanto conforto e tanta riqueza, fácil é reconhecer o muito mal que dela pode advir, quando substitui o homem em demasiada escala, provocando o desemprego.

E é este o principal aspecto que é muito de considerar relativamente à paz social que deve reinar no mundo.

Todos concordamos na filosofia verdadeira do velho aforismo: na casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Se do lar isolado subirmos à generalidade, teremos a catástrofe.

Recordamos, ainda, o horror que sentimos naqueles anos da falta de pão e ainda se não desfizeram as impressões causadas pela visão dos esgares da fome, estampados no rosto de muita gente.

E a mim, encarregado pelo Senhor Governador Civil de Viana do Castelo, mediante alvará, de distribuir o pão na freguesia, foi dada a oportunidade de palpar, bem de perto, o íntimo do povo que não conseguia pão, em abundância, para os seus filhos.

E' que o pão é a paz, é a alegria, é a saúde dum lar.

Hoje, felizmente, esse cereal não falta e há, até, relativa abundância.

Já exportamos milho e até o misturamos com o trigo, para lhe dar vazão.

E' que o excesso do milho, que não tinha consumo adequado, trouxe um problema para o qual foi pedida a intervenção do Estado.

O mesmo se passa, presentemente, com o arroz e uma comissão de orizicultores solicitou ao Governo especiais providências, pedindo, entre outras coisas, mistura numa percentagem de arroz no pão e um substancial aumento de consumo por parte das unidades militares e organismos do Estado, e «formação de preços industriais de arroz destituídos de artificialismos».

Li estas últimas palavras e não consegui compreendê-las, mas oxalá significassem uma baixa sensível de preço.

Tive o cuidado de perguntar a um merceiro, o único de certa aldeia, a porção de arroz que vendia por mês.

O cómputo dava uma capitação de 50 gramas mensais por pessoa.

Será um mal ou um bem haver tanto arroz?

Ninguém ignora a proibição rigorosa, sancionada com pesadas multas, que impende sobre o plantio da vinha.

Quem ousará discutir o acerto desta medida? Para quê tanto vinho... a encher adegas e adegas, sem colocação no mercado?

Lá têm ido, também, os vinicultores pedir ao Governo remédios... e mais remédios... para o excesso de produção de vinho...

Enfim, reconhece-se a necessidade de uma limitação na produção... porque o excesso nem sempre é lucro.

Ora, se o vinho, que se bebe, ainda sobra, se o arroz é demais, se o milho dos nossos campos, por vezes, traz sérias preocupações, por excessivo, como se há-de sentir que a máquina provoque desemprego, permitindo-lhe uma concorrência desleal com o homem?

E' que esta concorrência atira com os operários para a rua, e isto vem agravar, ainda mais, a situação económica dos vinicultores, dos orizicultores, dos produtores de milho...

Ora o direito à vida é universal. Se Malthus sonhou com a limita-

ção da natalidade para resolver o problema da subsistência humana, jamais será ela o verdadeiro remédio.

Está provado que a Terra e o Mar — imensos celeiros postos à disposição do Homem pelo Criador — dão o suficiente para a Humanidade viver, bastando que haja um melhor aproveitamento e uma mais perfeita distribuição da riqueza.

Esta melhor distribuição consegue-se através do trabalho, que garante, quando devidamente retribuído, a aquisição do que faz falta à vida e, portanto, um aumento de consumo e consequente descongestionamento de excesso de produção. O desemprego é que nada resolve, só agrava.

Ora para ele, concorre imenso a máquina.

Solução? Eliminar as máquinas? Nunca. Pô-las, sim, ao serviço do homem, como seus auxiliares preciosos, mas condicionando-as de tal modo, que da sua actividade não resulte o desemprego.

Uma nação só é feliz, quando todo o seu povo trabalha, quando em todos os lares há pão.

E' este o sentido do angustioso apelo do eminente deputado, Senhor Doutor Alberto Cruz. A sua voz é um eco dos que pedem trabalho...

Querer trabalhar não é crime. A vida do homem provém do Trabalho.

Seja esta a grande divisa: Trabalho para todos.

Problemas de Guimarães

Continuação da 1.ª página

está assente construir novos Bairros de Casas Económicas, de rendas acessíveis às classes média e operária, e que se destinam ao realojamento de famílias que habitam casas a demolir.

O Bairro da Arcela a isso se destina já e, podemos acrescentar, está lindamente situado e as suas casas satisfazem todos os princípios de higiene e conforto das famílias que ali vão habitar.

Construído o novo Liceu será altura então de adaptar o antigo Convento de Santa Clara, aproveitando toda a sua fachada artística, em Paços do Concelho. O projecto já está em execução e entregue a um técnico de valor, o Arquitecto Benavente, de quem se espera uma obra grandiosa.

Com a abertura da nova variante de estrada do Castanheiro a Covas o actual Matadouro terá que ser sacrificado. Por isso a Câmara já considerou o caso no Plano de Actividades do ano em curso e esperamos que o futuro Matadouro venha a ser localizado no Rio Selho, junto à estrada de Braga.

Com estas obras planeadas e as actuais em curso, nos Paços dos Duques de Bragança, Palácio da Justiça e Praça de Mumadona, esperamos para Guimarães um futuro de progresso e bem estar que por todas as razões merece a Terra Berço de Portugal.

J. SOARES LEITE.

Explicações Dão-se, nas disciplinas de matemática e Físico-Químicas do Curso dos Liceus e Escolas Técnicas. Tratar no Largo do Toural, 68.

141

Vai a Barcelos?

VISITE a Pensão e Pastelaria Arantes 159 Almoço e traga Sonhos e Paralelos

Sensacional!

Sim, é de facto sensacional a quantidade, qualidade e muito especialmente os preços da GRANDE FEIRA DE CALÇADO DA SAPATARIA LUSO, que de ano para ano, mais se vem acentuando, pela lisura com que se anuncia e se vendem milhares de pares de bom calçado, a bom preço.

A FEIRA deste ano terá lugar de 27 de Fevereiro a 10 de Março.

HOJE EM EXPOSIÇÃO

Irmãos Bárrio, Limitada

Por escritura de 24 de Novembro de 1955, exarada na Secretaria Notarial de Braga, no liv. n.º 116-B, a fls. 41-v.º, do notário Licenciado António Magro Borges de Araújo, foi constituída entre Faustino Bárrio Faria, Carlos Bárrio Faria e Maria Celeste Bárrio Faria, moradores em Ruilhe, Braga, uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma Irmãos Bárrio, Limitada, vai ter a sua sede na cidade de Guimarães, em edifício a arrendar, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

2.º — O seu objecto é o comércio de miudezas e fazendas brancas, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e que seja autorizado por lei.

3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 60.000\$00, representado por três quotas iguais de 20.000\$00, pertencentes uma a cada sócio.

4.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que esta carecer, nas condições que forem acordadas em Assembleia Geral.

5.º — A administração e gerência da sociedade, dispensada de caução, e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, compete a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes.

§ 1.º Para a sociedade ficar obrigada em todos os seus actos e contratos, é necessária a assinatura de dois gerentes; os actos de mero expediente serão apenas assinados por um dos gerentes.

§ 2.º Os gerentes exercem as suas funções sem remuneração, podendo no entanto a Assembleia Geral fixar vencimento para todos ou qualquer deles. Ao sócio Faustino Bárrio Faria fica especialmente a competir a contabilidade, ao sócio Carlos Bárrio Faria a parte comercial, e à sócia Maria Celeste Bárrio Faria a parte técnica, podendo a Assembleia Geral vir a modificar as funções especiais que por esta escritura são atribuídas aos sócios.

6.º — É expressamente proibido aos gerentes assinar em nome da sociedade letras de favor, prestar fianças ou abonações, ou tomar quaisquer outras responsabilidades que não sejam do exclusivo interesse da sociedade.

7.º — Na cessão de quotas a estranhos têm os sócios direito de preferência.

§ 1.º O sócio que pretender alienar a sua quota a estranhos, oferecerá previamente a cessão a cada um dos res-

tantes sócios, em carta registada, na qual indicará as condições da cessão que pretende efectuar.

§ 2.º Se mais de um sócio pretender adquirir a quota oferecida, será ela dividida por todos os pretendentes na proporção das suas quotas, se por outro modo não acordarem.

§ 3.º Se nenhum dos sócios pretender optar, ou nada responder, também em carta registada, no prazo de trinta dias a contar da data do registro da carta oferecendo a opção, poderá a quota ser cedida livremente.

§ 4.º O sócio que opta fica com o direito de efectuar o pagamento no prazo de dois anos, em quatro prestações, semestrais e iguais, podendo as três últimas ser representadas por letra com fiador idóneo, que vencerá juro à taxa de desconto do Banco de Portugal, mais um por cento.

8.º — É proibida a divisão de quotas sem o consentimento da sociedade, mesmo no caso de falecimento de qualquer dos sócios, consentimento que a ser concedido ficará exarado em acta.

9.º — No caso de falecimento de qualquer dos sócios, os herdeiros do sócio falecido designarão um de entre eles que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota não for partilhada, e de igual modo procederão os interessados na hipótese da quota vir a ser adjudicada em comum.

10.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios.

11.º — As Assembleias Gerais, nos casos em que a lei não ordenar formalidades especiais para a sua convocação, serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias.

12.º — Anualmente será dado balanço, o qual será fechado com referência a 31 de Dezembro, devendo estar concluído e escriturado no respectivo livro até ao fim de Fevereiro seguinte, preservando todo o direito de reclamação contra ele no dia 15 de Março imediato. A partir desta data considera-se aprovado mesmo que qualquer dos sócios o não tenha sancionado com a sua assinatura.

13.º — Dos lucros líquidos será retirada a percentagem legal para fundo de reserva, e o restante será dividido pelos sócios na proporção das suas quotas.

14.º — Em tudo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações dos sócios devidamente tomadas.

Braga, 26 de Janeiro de 1956.

Cristina Gualtieri.

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR

SEMPRE HÁ FLORES . . .

Sempre há flores no jardim dos corações bem formados. Sempre. E poderíamos assegurar que, mesmo os que demonstram ser excessivamente rudes, os que parecem maus, empedernidos, possuem entre os espinhos do carrascal da índole própria, florações semi-ocultas, que passam despercebidas aos seus olhos interiores.

O bruto, que assassina friamente, executando sua tarefa, impulsionado pelo mecanismo psíquico, pode fazer alarme dos seus feitos.

Poderá, até, sentir prazer insopitável no crime. Sofrendo o castigo da Lei, submetido aos mais rigorosos princípios de reeducação, infenso aos remédios disciplinares e aos seus recursos invocativos da honra, da dignidade e da moral.

Entretanto, o monstro, inexplicavelmente, revela em determinadas circunstâncias, instantes de comovedora benevolência, praticando actos que julgamos incompatíveis com a sua tara.

É que o seu coração, fechado a quase todos os sentimentos de humanidade, certamente porque, quando criança, lhe faltassem os carinhos dos pais, a afectividade dos mestres, a suave influência da Fé, não foi devidamente regado nas estações oportunas. Basta porém, que uma cristalina gota de orvalho atinja o canteiro aparentemente sáfaro, eis que, de pronto, aí desabrocha a bonina colorida, embora envolta nos cetins da humildade como que a desmentir a rusticidade bárbara de malfeitor.

Também no julgamento dos homens de pouca fé, há momentos de desânimo e de desesperança, quando, necessitando do amparo do Alto, rogam, pedem, suplicam e intercedem o milagre de uma graça, que lhe mitigue a sede, que lhe sacie a fome, que lhe dê lenitivo para os sofrimentos físicos ou morais; não a recebem com aquela prestesa imediata, ansiosamente aguardada. Momentos cruciantes de amarguras. Desatendidos, voltam-se contra Deus, ignorantes de que nada se move no Universo, nem mesmo a penugem que se desprende do corpinho delicado e puro de um pássaro, sem a sua omnisciente sabedoria e vontade. E por isso dizemos: sempre há flores no jardim dos corações bem formados, porque há sempre e eternamente, comiserção no seio amantíssimo do Pai, quer se revele directamente, por sua incoercível predestinação, quer se manifeste indirectamente, através de acção miraculosa dos seus dilectos mensageiros.

Esse, o jardim espiritual de sazonadíssimas culturas, primaveras sem fim e outonos intermináveis. Se os sentimentos repontam, constantemente, ou espaçadamente, nos corações humanos, desvirtuados, às vezes, ao entrechoque de conformações morais que são da própria essência da imperfeição condicional da matéria, nesta mesma, podem ser constatados.

Como supor que análoga anomalia pode persistir na suprema perfeição do Criador de todas as coisas? Escrevo constantemente, com o pensamento voltado para os que são fracos e falhos de crença e de espírito.

GRAÇAS

Engrácia Fernando, residente à Rua António Frederico, 652, São Paulo, obteve a cura de sua irmã sem ser preciso operação. — Darcy de Oliveira, residente na Rua Teodoro Sampaio, 12, São Paulo, recebeu a graça da cura de seu tio que há sete meses estava com loucura e os médicos já o haviam desenganado. — Joana Simionato, residente na Rua Maria Gonçalves, 55, São Paulo, que foi favorecida com a cura de sua filha de quatro anos, que sofria de bronquite desde pequena. — Eduardo Gondolbeu, residente na Rua Senador Queirós, 387, São Paulo, após seu pedido à Izil-



Menina "IZILDINHA" O Anjo do Senhor

ritualidade. Porque tudo tem seu tempo e tudo obedece a uma ignota matemática, tão profunda, tão elevada, tão fora do alcance de nossa mentalidade, que não nos é permitido atingir aquilo que está guardado no impenetrável mistério da vida. A gotinha de orvalho cristalina, e puríssima, que faz brotar a flor pequenina e modesta no coração do homem-fera, é como o milagre que aguardamos através das nossas preces e das nossas aflitivas súplicas. E por mais crestada que se encontre a nossa alma, envolta pela chama da desilusão, instantaneamente, estejamos certos, em que o bálsamo Celestial baixará sobre os nossos corações. E compreenderá por fim, o homem de pouca fé, o seu próprio erro, porque foi, justamente, quando maior necessidade real tinha do benefício, que a bondade imensurável de Deus se fez presente, analisando após, a sua situação passada e a demora no recebimento da graça, perceberá, já contrito e humilhado, que se essa divina providência chegasse antes, somente uma pequena parte das suas atribuições poderia ser aliviada.

Agora, ei-lo feliz, bendizendo a Deus, julgando-se indigno da sua bondade, porque ousou, pela sua fraqueza, revoltar-se ante a demora em ser atendido.

Se há sempre flores nos corações humanos, lembrem-se do verso espiritual, onde impera a suprema perfeição, existe uma primavera perene de graças, que Izildinha «O Anjo do Senhor», como todos os mais veiculados da infinita misericórdia de Deus, colhe e desfolha sobre o mundo, cabendo a cada necessitado, ao seu tempo, e à sua hora, cedo ou tarde, hoje como daqui a um ano, a pétala que lhe é destinada, cujas essências, divinas e milagrosas, curam moléstias, sanam feridas, acalmam sofrimentos, retemperam o organismo, revigoram o espírito e transmudam as situações de desespero em momentos dulcíssimos de paz e de tranquilidade.

dinha ficou curado do estômago. — Adelina Pires Nascimento, residente na Rua Bernardino de Campos, 33, na cidade de Campinas, precisava cortar o dedo que estava infeccionado e com a protecção da menina, sarou sem operação. — Dora Rapassaul, residente na Rua Pirituba, 33-45, São Paulo, obteve a cura de sua irmã que há dois anos estava internada no hospital com doença no sangue. — Pedro Melão, residente na Rua Guaratinguetá, 179, São Paulo, sentia tonturas de ficar sem sentido e após seu pedido a Izildinha ficou curado.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.º pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Quinzenalmente publicaremos as Crônicas, a 13.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES GUIMAR LDA

AVENIDA CONDE MARGARIDE • GUIMARÃES • TEL. 40113

Obras Públicas, Civas e Industriais.
Cimento armado. Projectos.

GERÊNCIA TÉCNICA
A. PINTO DA SILVA — Eng.º Civil (13ª)

CRÓNICAS PARA MAIORES DE 50 ANOS

XX

Os motociclos e automóveis apareceram por cá mais ou menos ao mesmo tempo, sendo difícil de apurar quais foram os primeiros.

Mas vamos lá pelos motociclos, que também se afrancesaram em motocicletas, e de que tenho a lembrança de o primeiro ter pertencido ao Joaquim Meneses.

Era um triciclo com as duas rodas à frente e uma atrás sob o selim do condutor; à frente, uma cadeira para um passageiro e uma bateria de acumuladores, que fornecia a energia eléctrica para a inflamação da gasolina nos cilindros do motor, que supunho serem dois.

Ainda não se tinham adoptado os dínamos a estes veículos, o que era uma espiça por a bateria se esgotar sem verificação, e succedia às vezes ficar o aparelho na estrada à espera de que a tornassem a carregar.

O aspecto destas motocicletas era o desses triciclos que por aí vendem sorvetes, e só me recordo de a ter visto montada por um oficial da A. M. do 20, ou emprestada ou vendida pelo J. Meneses.

Tenho uma vaga ideia de uma vez este, levando não sei quem na cadeirinha, se ter esbarrado num dos passeios do Largo de S. Francisco e ter baldeado o passageiro contra uma parede e ali esborrachou o nariz sem consequências graves. Esta foi a mais antiga e depois apareceram as motocicletas de duas rodas.

Quem primeiro andou por aí a fazer figura, porque de facto atraía as atenções, creio que foram os velhos amigos Alberto Costa e seu homónimo Teixeira Carneiro.

Hão-de reparar em que, referindo-me aos do meu tempo e da minha idade, os lembre — como velhos amigos.

E que realmente essa amizade edificada nos tempos de rapazes tem permanecido inalterável, e mais estreita, com o avançar da idade e a diminuição do número de amigos.

Mas, dizia eu, faziam figura de motocicleta porque atroavam os ares com o estrepito dos motores para mostrarem a destreza nesses exercícios que, sendo perigosos neste tempo de código de trânsito, o eram muito mais naquele, não muito para o transeunte que se precatava, mas para o próprio desportista pela deficiencia dos aparelhos.

Esses exercícios, só executados nas horas vagas das suas ocupações, tendiam para o adestramento físico e aquisição de «olho vivo» nos vários lances que inesperadamente se lhes apresentavam na anarquia do trânsito de então.

Outro que teve motocicleta foi o Capitão Araújo, e não foi só uma, foram duas, uma «Triumph» e uma N. S. U. e nesta última é que aprendi a montar.

Aquilo punha-se a andar com uma corrida e depois montava-se de salto e pronto, marchava por aí fora nas «horas de estalar».

Aprendi numa só lição, tendo-me explicado o manejo das pequenas alavancas, de como se andava mais ou menos depressa, se travava e parava, coisa que levou uns cinco minutos, montei, empurraram-me, o motor funcionou e fui levado e nada me custou a guiar desde os Capuchos até ao Cano, dei a volta e regresssei ao ponto de partida sem avarias, atropelamentos ou quedas e muito orgulhoso de adquirir mais esta destreza sem carta nem código de estrada, que tudo isso ainda era dispensável.

Demos uns passeios pelos arredos

res até que o capitão deu uma queda ao voltar da Rua de Santo António para a Porta da Vila, o que é hoje trânsito proibido; deslocou um braço e esteve um mês de cama, e não me recordo de qualquer outro desastre acontecido aos motociclistas amadores de então, nem mesmo me lembro de mais algum.

A motocicleta passou depois a ser um meio de transporte utilitário ou vulgar, juntamente com as bicicletas motorizadas que, além de serem uma praga, são o pesadelo de quem presa o seu sossego.

Antes de passar adiante ainda quero recordar as bicicletas mas usadas por raparigas, de que não tenho qualquer lembrança a não ser de uma ou outra banhista de Vizela que se dedicava a esse desporto durante a época balnear.

As das raparigas ainda por aí aparecem, uma ou outra, com o travessão do selim ao guiador curvado para lhes permitir o seu uso com as saias, que nesse tempo eram... eram como estas que se usam nos bailes, quer dizer, até aos pés, depois do terem andado por cima do joelho.

Mas naquele tempo o muito que se podia lograr era coisa de três a cinco centímetros acima do sapato fosse em que posição se colocassem, ou sentadas ou de bicicleta a dar aos pedais e mesmo de perna cruzada, o que, aqui para nós os do nosso tempo, é excepcionalmente vimos numa rapariga educada, por ser atitude inconveniente — *shoking* — como dizem os ingleses.

Bem sei que estou a «colhar» para o meu tempo, para aquele das «botas de elástico» e ceroulas de atilho, das bengalas com que se deslindavam certos assuntos.

Ah! o tempo das cenas de pugilato entre pessoas de certa categoria por um nada, uma frase, um dito, certas referências nos jornais, e principalmente os ciúmes, como tudo animava o ambiente, entrelinha as tertúlias e era o tema predilecto, mexido e remexido dos serões de Inverno.

As bengalas partidas, um ou outro duelo em que às vezes se defrontavam antagonistas teos, que não se continham às primeiras gotas de sangue, nem se limitavam à troca de duas balas propositadamente mal dirigidas.

Os raptos tão românticos, com que sonhavam as donzelas que só podiam falar aos seus apaixonados da varanda do primeiro andar, as mais felizes, do segundo ou terceiro e estas às vezes por telefones de fio do norte encerado e dois bocais de cana nas extremidades.

Tudo desapareceu, e a epiderme moral endurecida recorre de preferência à Polícia ou Tribunal de pequenos delitos, o que dispensa o mais pequeno desforço; e perderam-se também os serões, substituídos pelo cinema, pelo rádio e daqui a pouco pela televisão.

Esses serões clássicos e familiares que reuniam nas noites de Inverno as famílias amigas em longas palestras acerca de tudo e de todos, e que eram o entretenimento de nossas Mães e Avós? Que foi feito deles? Que desagregação familiar lhes pôs termo?

Mas passemos aos velhos automóveis no tempo em que eram objecto de luxo.

Jugueiros — Felgueiras, 14 de Fevereiro de 1956. (continua)

A. DE QUADROS FLORES.

Conferência de S. Vicente de Paulo

Relação de Contas e movimento da Conferência de S. Vicente de Paulo da paróquia de Nossa Senhora da Oliveira (Senhoras)

A direcção da Conferência de S. Vicente de Paulo da freguesia de Nossa Senhora de Oliveira vem apresentar o seu relatório do ano de 1955, bem assim todos os benefícios que pôde fazer. Apesar das grandes dificuldades do momento presente, graças a Deus satisfiz vários pedidos de assistência e isso se deve em parte à generosidade dos nossos subscritores e benfeitores extraordinários aos quais com os nossos agradecimentos muito desejamos as bênçãos do Céu.

Receita: — Colectas nas sessões, 315\$30; Subscritores, 3.861\$00; Diversos, 6.717\$00; Saldo do ano anterior, 2.910\$80; Total das receitas, 13.804\$10.

Despesa: — Socorros em géneros, 2.708\$50; Socorros em dinheiro, 3.440\$00; Diversos, 1.179\$00; com o Culto, 120\$00; Oferta ao Concelho, 105\$00; Total das despesas, 7.552\$50.

Saldo, 6.251\$60.

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

DOCTOR JOSE MARIA PEREIRA DE CASTRO FERREIRA, PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE GUIMARÃES:

Faz público que é iniciada no dia 1 do próximo mês de Março a cobrança, à boca do cofre, do Imposto de Prestação de Trabalho, sendo liquidado, durante aquele mês, sem juros de mora, e acrescido destes juros durante mais 60 dias, findos os quais se procederá ao relaxe.

E para constar se publica o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, Gaspar Gomes Alves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Guimarães e Paços do Concelho, 20 de Fevereiro de 1956.

O Presidente da Câmara Municipal, José Maria Pereira de Castro Ferreira. (117)

NOTÍCIAS DO BRASIL

Preparando um futuro melhor

O Brasil prepara-se para iniciar a realização do gigantesco plano de recuperação do Vale de S. Francisco, que inclui a barragem de Três Marias e a irrigação e colonização do Vale do Rio Grande. Para se aquilatar do valor desta realização, bastará dizer-se que só o conjunto das obras de irrigação exigirá um total de um bilião e 500 milhões de cruzeiros (mais de 500 milhões de escudos) e que a área máxima a ser irrigada corresponde ao triplo da área do Distrito Federal brasileiro. A barragem de Três Marias é considerada como obra capital para o futuro de toda a região de S. Francisco, com

repercussão imediata no Nordeste. Duplicará a potência de energia da central de Paulo Afonso, além de ser elemento imprescindível para a regularização e desobstrução do rio, que é navegável numa extensão de mais de 1.500 quilómetros, e aumentará em mais de 200 mil quilovátios o potencial de energia de Minas Gerais, tornando aproveitável a riqueza mineral de uma região paupérrima.

Quanto à irrigação do Vale do Rio Grande, afluente da margem esquerda do S. Francisco, «possibilitará — segundo um estudo publicado na revista *Visão* — uma revolução agrária numa região rica e fértil, transformando uma po-

(Continua na 4.ª página)

Banco Borges & Irmão

S. A. R. L.
PORTO

RELATÓRIO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

GERÊNCIA DE 1955

SENHORES ACCIONISTAS:

De conformidade com os preceitos legais e estatutários temos a honra de apresentar e submeter à vossa apreciação e voto, o Balanço, Contas e Relatório respeitante à Gerência do ano findo.

O aumento sensível dos números expressos nas diversas rubricas do Balanço põe em evidência o grande desenvolvimento que tiveram no ano de 1955 as operações nos principais sectores do Banco.

Assim, o montante dos Depósitos, Letras Descontadas e as operações do estrangeiro (Importações e Exportações) atingiram cifras bastante superiores às alcançadas anteriormente.

Tivemos, por outro lado um grande prazer em nos ter sido permitido satisfazer, no ano findo, em muito maior escala que nos anteriores os pedidos, que nos foram feitos, de assistência financeira, não só para as necessidades periódicas do comércio e indústria, mas também para as resultantes das dificuldades providas da estagnação dos negócios que se acentuaram no ano passado, em alguns sectores, muito vincadamente, como reflexo da conjuntura actual.

Este apoio às actividades económicas, aliás tradicional nesta Instituição, pela amplitude e dispersão que assumiu, grangeou, com a maior satisfação o declaramos, entre os nossos Amigos e Clientes um ambiente o mais francamente favorável para o nosso Banco.

Os negócios da nossa Filial (Casa Antiga) registaram um grande incremento nas várias especialidades a que a mesma se dedica, como sejam, Moedas, Metais nobres e Títulos. Tanto a classe de ourivesaria como os meios capitalistas se manifestaram, de modo iniludível com a maior simpatia por estes serviços agora remocados, os quais, com um carinho especial deram também o seu desinteressado concurso à colocação de empréstimos e aumentos de Capital de importantes Empresas, muito especialmente os relativos às Hidro-Eléctricas e Siderurgia Nacional, empreendimento este de largo alcance económico, incluído no programa, em execução, do fomento nacional, política a que o Governo da Nação se tem devotado, com a maior dedicação e interesse.

Prosseguindo na orientação de expansão do Banco, procedeu-se à instalação de uma nova Agência em Lourosa, região onde predomina a indústria corticeira e onde passamos a servir com mais prontidão as relações que o nosso Banco de longa data ali conquistou.

Muito em breve abriremos também uma Agência na Vila de Gondomar, localidade onde está estabelecido o principal núcleo da importante e prestigiosa

indústria nacional de ourivesaria. Teremos grande satisfação em poder servir ali, com a maior eficiência, a nossa numerosa Clientela, tão tradicionalmente votada ao nosso Banco.

Mais duas Agências urbanas, no Porto, foram abertas ao público, em Costa Cabral (Marquês de Pombal) e em Campanhã. Pudemos assim levar aos nossos Amigos e Clientes daquelas zonas, onde um comércio intenso se verifica, os nossos serviços com maior facilidade e presteza. Está, além disso, prevista para breve a abertura de outra dependência, na área do Carvalhido, que muito concorrerá para o estreitamento das nossas relações com os nossos Clientes ali estabelecidos.

Verificou-se, também, no decorrer do ano, no nosso Banco em Lisboa, mereço do seu robustecimento técnico e de um trabalho profícuo, um revigoramento de todos os serviços, cujos resultados se assinalaram já por uma grande afluência de simpatias e uma marcha ascensional de todas as operações. É motivo para aqui deixarmos expresso um agradecimento especial à sua diligente Direcção.

A valiosa colaboração sempre dispensada pelos Dignos Membros do Conselho Fiscal, muito contribuiu para o êxito do nosso trabalho. Aqui deixamos exarados os nossos melhores agradecimentos.

Aos Senhores Secretário da Administração, Directores, Sub-Directores, Gerentes, Procuradores e mais funcionários do Banco, testemunhamos também o nosso reconhecimento pelo cuidado e zelo demonstrados.

Finalizando, propomos a seguinte aplicação ao saldo da conta de Ganhos e Perdas no montante de Esc. 10.766.852\$60:	
Para Fundo de Reserva	1.000.000\$00
» Reserva Variável	5.000.000\$00
» Cumprimento do n.º 2 do art. 24.º dos Estatutos	1.375.709\$00
» Dividendo (Cativo de impostos)	3.000.000\$00
» Conta Nova	391.143\$60
	10.766.852\$60

Porto, 14 de Janeiro de 1956.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo Sá Fernandes
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga.

Balanço em 31 de Dezembro de 1955

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa:		Capital	75.000.000\$00
Dinheiro em Cofre	100.291.846\$18	Fundo de Reserva	19.500.000\$00
Nossos depósitos		Reserva Variável	11.000.000\$00
noutros Bancos	146.728.850\$32	Depósitos à Ordem	801.684.379\$31
	247.020.696\$50	Depósitos a Prazo	288.402.015\$50
Agências e Correspondências no País	137.900.070\$17	Credores Diversos	330.052.372\$35
Dinheiro Estrangeiro e Letras s/ o		Letras a Pagar	14.996.006\$20
Estrangeiro	5.391.671\$90	Corpos Gerentes (Cauções)	850.000\$00
Carteira de Letras	648.460.322\$59	Contas de Ordem	376.795.508\$38
Correspondentes no Estrangeiro	59.943.760\$13	Ganhos e Perdas	10.766.852\$60
Devedores Diversos	127.429.732\$79		
Empréstimos e C/ Correntes com			
Caução	160.473.871\$88		
Fundos Flutuantes	131.643.300\$00		
Instalações	100\$00		
Ministério das Finanças (Decretos			
n.º 8.442 e 8.748)	685.000\$00		
Edifícios da Sede e Agências	100\$00		
Propriedades (de rendimento)	32.450.000\$00		
Cauções dos Corpos Gerentes	850.000\$00		
Contas de Ordem	376.795.508\$38		
	1.929.047.134\$34		1.929.047.134\$34

Porto, 14 de Janeiro de 1956.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

O CHEFE DA CONTABILIDADE:

Mário de Barros Freire.

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(Conde da Covilhã)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
José Adelino Azeredo Sá Fernandes
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga.

GANHOS E PERDAS

Comissões, juros, transferências, etc.	15.076.146\$95	Saldo de 1954	184.479\$60
Contribuições pagas e Despesas Gerais	24.916.073\$84	Lucros apurados em diversas contas	50.574.593\$79
Saldo	10.766.852\$60		
	50.759.073\$39		50.759.073\$39

FUNDOS FLUTUANTES EM 31 DE DEZEMBRO DE 1955

63.290 Obrigações Tesouro Português 2 1/2 %	61.391.300\$00
1.000 Obrigações Tesouro Português 3 %	1.000.000\$00
21.860 Obrigações Tesouro Português 3 1/2 %	21.860.000\$00
3.450 Obrigações Consolidado Português 4 %, 1940	6.900.000\$00
400 Obrigações Transportes Aéreos Portugueses 4 %	400.000\$00
1.000 Acções do Banco de Portugal	1.200.000\$00
10.000 Acções da Manufactura Nacional de Borracha (Mahor)	10.000.000\$00
4.000 Acções da Hidro-Eléctrica do Cávado	5.000.000\$00
600 Acções da Hidro-Eléctrica do Douro	600.000\$00
400 Acções da Empresa Fabril do Norte (Senhora da Hora)	400.000\$00
9.000 Acções da Lisbon Electric Tramways Limited (Ord)	720.000\$00
500 Acções da Siderurgia Nacional (1.º Prest. 30 %)	150.000\$00
15.000 Acções da C.ª Portuguesa de Pesca	12.750.000\$00
7.500 Acções da C.ª Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal	1.500.000\$00
113 Acções da C.ª Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto (Ferreirinha)	226.000\$00
326 Acções da C.ª Aurifícia	1.304.000\$00
400 Acções da C.ª de Fiação e Tecidos de Guimarães	620.000\$00
103 Acções da C.ª de Fiação e Tecidos de Fafe	1.648.000\$00
5 Acções da C.ª Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro	15.000\$00
3.150 Acções das C.ª Reunidas de Gás e Electricidade de Lisboa	378.000\$00
1.500 Acções Transportes Aéreos Portugueses	1.500.000\$00
£ 22.000 Nom. Emp. Britânico Savings Bond 3 % 1965/75	1.100.000\$00
£ 10.400 Nom. Emp. Britânico Funding Loan 4 % 1960/90	624.000\$00
£ 12.000 Nom. Emp. Uruguai 3 1/2 % 1891	360.000\$00
	Esse. 131.646.300\$00

NOTÍCIAS DO BRASIL

(Continuação da 1.ª página)

pulação miserável, em estágio elementar de vida, em força activa no processo de desenvolvimento económico do país» e propiciará a colonização intensiva e racional numa área de sessenta e cinco mil hectares.

A irrigação das terras da margem direita do Rio Grande, compreendendo os municípios baianos de Barreiras, Angical e Cotegipe, exigirá o emprego de 700 milhões de cruzeiros, num prazo nunca inferior a dez anos, mas com aproveitamento económico a partir do quarto ano. O anteprojecto prevê que a área líquida irrigável será de 65 mil hectares, ampliáveis a um máximo de 190 mil, interessando as áreas incultas, respectivamente de 91 mil e 325 mil hectares.

A grandeza da obra a realizar é melhor compreendida quando se sabe que só o canal adutor, que alimentará toda uma vasta rede de outros canais, terá 165 quilómetros de desenvolvimento, sendo a profundidade da água, nos primeiros 80 quilómetros, de quatro metros, para 25 metros de largura. O seu custo está orçado em 450 milhões de cruzeiros, além de 80 milhões para a sistemização. Este canal alimentará toda uma vasta rede de canais secundários para a condução de água irrigante aos lotes individuais de 10 hectares de área irrigada cada um.

A colonização poderá ter início em 1959, ano em que se encontrarão irrigados os primeiros lotes. Ela aumentará nos anos seguintes e na sua primeira fase exigirá a instalação de 2.150 famílias de colonos em cerca de cinco anos, acompanhadas, para que possam eficazmente desenvolver as suas actividades, por um número proporcional de agrónomos e veterinários.

O estabelecimento no Vale de S. Francisco de indústrias de transformação, tendo como finalidade a valorização da produção agrícola e pecuária e a redução ao mínimo dos ónus dos transportes, é também encarado no plano de recuperação.

Deixamos nesta nota, em breves traços, uma ideia acerca de um projecto grandioso que os economistas brasileiros há muito ambicionam ver realizado. Ele propiciará a colonização intensiva e racional de uma área vastíssima e rica, que assim será recuperada para o país. Simultaneamente, oferece possibilidades económicas para a industrialização dos produtos primários, além de criar um novo mercado consumidor, e é um «empreendimento económico, social e patrioticamente proveitoso».

A «Guerra» e a «Paz» de Portinari

O «International Fine Arts Council» concedeu ao grande pintor brasileiro Cândido Portinari a sua medalha de ouro, a qual foi entregue ao embaixador do Brasil em Wash-

ington, durante uma cerimónia que constituiu uma consagração do Artista.

Entretanto, o edifício da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque, prepara-se para receber os painéis da «Guerra» e da «Paz», murais gigantescos que Portinari acaba de realizar no Rio de Janeiro e a que a Imprensa portuguesa já se tem referido.

É, sem dúvida, com lógico desvanecimento que o Brasil regista o facto de um dos seus Artistas ter sido homenageado pela Organização das Nações Unidas com um convite para colaborar na decoração da sua sede. Mas este estado de alma não o leva a deixar de reconhecer que alguma coisa não está certa.

O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, diz, a respeito dos quadros que Cândido Portinari pintou para a O. N. U., o seguinte:

«São, salvo engano, as maiores obras de Arte, pelas dimensões e pelo valor, que já saíram do Brasil, provavelmente da América do Sul. Mas, que paradoxo, saem do Brasil sem ter sido vistas pelos brasileiros. Lá fora, em Nova Iorque, multidões as visitarão. Aqui, no Rio de

Janeiro, só teve oportunidade de vê-las uma dúzia de amigos do pintor e conhecedores de arte. É mesmo um paradoxo».

E, mais adiante: «A nosso ver, o Governo tem a obrigação de promover uma exposição dos dois gigantescos painéis de Portinari, antes de saírem do país. Exposição de carácter educativo: para se ficar sabendo o que é Arte».

«Encontre o Governo a igreja, o hangar, o vestíbulo de edifício público onde possam ser exibidos a «Guerra» e a «Paz» de Portinari. Não deixemos sair para sempre do Brasil obras assim sem antes mostrarmos aos brasileiros as alturas que já atinge a pintura nacional».

É interessante notar-se que o *Correio da Manhã*, ao regozijar-se com a actual expansão cultural do Brasil no estrangeiro, recrimina os casos de auto-publicidade favorecidos por «certa falsa gentileza latina ou pan-americana». Ninguém deixará de concordar e de reconhecer, simultaneamente, que são estes casos que tornam mais impressionantes as grandes vitórias — como esta de Cândido Portinari, como muitas outras de intelectuais e artistas do Brasil. — (E.).

O QUE É O GAZCIDLA

O **GAZCIDLA** é constituído pelo gás butano, derivado da refinação do petróleo.

Inodoro, não é tóxico e de fácil e cómodo manejo é fornecido, ligeiramente odorizado, em garrafas de aço, que garantem perfeitas condições quanto à sua presença no lar.

Pela sua versatilidade corresponde magnificamente a tudo o que se pretenda exigir de um combustível para fins de cozinha, banho, aquecimento, iluminação e refrigeração.

E, assim, **ONDE QUER QUE VIVA**, pode V. Ex.ª dispor de um fogão accionado a **GAZCIDLA**, o combustível que oferece a todas as donas de casa imediata possibilidade de uma vida mais fácil e mais confortável!

O **GAZCIDLA** oferece rapidamente águas para banho — mediante a abertura de uma simples torneira, haverá água quente em qualquer momento.

O **GAZCIDLA** produz rapidamente agradável aquecimento, sem quaisquer incómodos para a dona de casa.

Com **GAZCIDLA** pode dispor de clara iluminação o que resolve um problema ainda por solucionar em muitos casos.

Quando aplicado em frigoríficos, o **GAZCIDLA** auxilia a economia doméstica na preservação e conservação de toda a espécie de alimentos.

Do interesse que o **GAZCIDLA** tem despertado neste concelho, pela económica, rápida e eficiente satisfação das necessidades domésticas resultou que desde Agosto de 1955 até ao presente, se triplicou o número de consumidores que orça agora a muitas centenas.

Na Indústria o emprego do **GAZCIDLA** é sintoma de equipamento moderno e consequentemente de eficiência de produção.

Os Industriais atentos à rápida evolução da maquinaria e que se apetrecham convenientemente para poderem competir nos mercados, encontram no **GAZCIDLA** um óptimo e indispensável auxiliar no acabamento dos seus produtos.

E assim é que se encontram presentemente instalações de **GAZCIDLA** nas seguintes Fábricas: — Altino da Cunha Guimarães & C.ª; Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Lda.; Joaquim de Sousa Oliveira & Filhos; Fábrica Têxtil de Vilela; Albano Coelho Lima & Filhos, etc...

E se ainda duvida das vantagens do **GAZCIDLA** interrogue pessoas amigas: — Elas lhe dirão como melhoraram a sua vida desde que possuem **GAZCIDLA**.

Vendas a pronto e até 24 prestações, de fogões, caloríferos, esquentadores, frigoríficos, candeeiros, etc., no Stand dos Agentes:

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

Largo dos Navarros d'Andrade

Telef. 4547

GUIMARÃES

(VIVA COM GAZCIDLA ONDE QUER QUE VIVA)

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

O vosso Conselho Fiscal, em cumprimento das suas funções e em obediência à Lei, examinou, no decorrer do ano, com a maior frequência, a escrituração do Banco e os valores que compõem o seu Activo e pôde verificar a correcção e exactidão dos números e lançamentos respectivos.

A orientação da vossa Administração, que teve como principal objectivo dar um maior impulso às transacções bancárias em todos os sectores do Banco, foi correspondida com o maior êxito, pois, além da confiança demonstrada, os números atingidos, em todas as rubricas, justificam-no plenamente.

Pudemos verificar que o Comércio e a Indústria encontraram sempre da parte da Administração do Banco o apoio financeiro para as suas actividades normais, embora com as reservas de prudência que as circunstâncias impõem.

Para a obtenção dos resultados conseguidos neste exercício, muito concorreram também as novas dependências do Banco que vieram melhorar os seus serviços e dar mais facilidades à sua Clientela.

Cumpre-nos agradecer as amáveis referências que

nos são feitas pelo Conselho de Administração e associarmos-nos, com o maior prazer, às palavras de reconhecimento consignadas aos seus colaboradores, pelo esforço despendido.

E assim, o vosso Conselho Fiscal tem a honra de vos propor:

1.º — Que aproveis o Balanço e Contas do Conselho de Administração e deis ao saldo da conta de Ganhos e Perdas a aplicação que ele vos propõe;

2.º — Que louveis o Conselho de Administração, que bem mereceu da vossa confiança, pelo acerto inteligente e pelo dedicado zelo sempre manifestado na sua gestão.

Porto, 16 de Janeiro de 1956.

O CONSELHO FISCAL:

Manuel Pinto d'Azevedo
José Guilberto de Sá Carneiro
Armando Marques Guedes (relator).

(126)

A REUNIÃO DOS ANTIGOS MILITARES DO REGIMENTO 20, EM 11 DE MARÇO

Exposto o programa já alguma coisa começa a agitar-se entre os velhos militares do 20.

Chamos-lhes «velhos» porque poucos serão os de menos de 50 anos, mas nem por isso deixa de se manifestar certa mocidade nesta ocasião em que se pretende invocar os tempos da juventude.

E já há indícios de que alguma coisa se vai fazer, não tanto como seria para desejar, mas o suficiente para marcar um gesto que pode ser renovado periodicamente, não deixando cair no esquecimento uma época notável da vida da cidade e que lhe foi proporcionada pela estadia do velho Regimento de Infantaria 20 e que aqui acabou seus dias e foi uma das instituições marcantes de até há 50 anos.

A Comissão está lançada e dos seus seis componentes já quatro entusiasmada e sensibilizadamente deram a sua concordância, faltando dois, um dos quais tenciono abordar no princípio do mês em Braga, o sr. Major Campos, supondo que só não virá se qualquer transtorno de saúde o impedir; o outro, o sr. Coronel Vilas, calculo que igual motivo o não deixe comparecer.

Ora esta Comissão não pode, como bem se compreende, encarregar-se de avisar todos os que pertenceram ao velho 20 de que se vai realizar esta reunião, nem se lhe pode exigir esse trabalho.

Se houvesse tempo poder-se-ia juntar-lhe militares mais novos para concentrar essas diligências e tornar a reunião o mais concorrida possível, e até com certo brilhantismo e aparato.

Assim, quase sem tempo, só se pode prever como que uma «mobilização» parcial, da qual sairá então uma manifestação mais completa quando, em 1958, no quadragésimo aniversário do gesto mais glorioso do «velho 20», correspondente à heróica resistência de 12 de Março de 1918.

De modo que, não se podendo exigir à Comissão o trabalho de convocação, ou pelo menor de divulgação, pede-se aos camaradas que dela tenham conhecimento,

como se diz no programa, a favor de comunicarem por meio de carta, ou de um simples postal, aos outros de quem saibam o paradeiro, que em 11 de Março se reunem os militares do 20, de todos os postos, conforme o que está projectado, encarregando-me dos residentes em Braga.

E' provável que muitos aproveitem a ocasião de tornarem a ver Guimarães, o antigo quartel e os velhos camaradas.

Quanto a convites honoríficos, creio que o Ex.º Presidente da Câmara representa por si todas as actividades de Guimarães, além de ser membro honorário da Liga dos Combatentes da G. Guerra, e esperamos que nos dê a honra de comparecer.

Acerca da Missa foi pena não ter havido no princípio a lembrança de que esta se realize na Capela de S. Miguel do Castelo, mais própria e com mais cor local, mas parece que ainda haverá tempo de resolver este desejo, expresso por vários.

Também ignorava que o Rev. Abade de Gondar tinha sido capelão militar e te-lo-ia citado para o caso de qualquer impedimento do Rev. João Lindoso, e até para ambos celebrarem simultaneamente; creio que ainda vai a tempo o convite que desta forma se faz, e a pedido de vários e antigos combatentes.

Na quarta-feira, 15 do corrente, estive em Fafe com o sr. Major Miguel Ferreira, tenentes Bernardo Campos de Carvalho e Matos; no dia 19 em Guimarães com o sr. Coronel Amaral, que disse ter sido prevenido pelo sr. Major Miranda, e todos estão não só concordes, como muito entusiasmados.

Nesse mesmo dia fui ao Restaurante Jordão inscrever-me e pagar o almoço para 11 de Março.

Reuna-se uma dúzia, ou cincoenta ou cem, a homenagem prestar-se-á da mesma forma ao «velho Regimento de Infantaria 20».

Jugueiros — Felgueiras, 21 de Fevereiro de 1958.

A. DE QUADROS FLORES.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
 No dia 27, o nosso bom amigo sr. João de Araújo; no dia 28, o nosso bom amigo sr. José António Xavier de Matos Guimarães e as sr.ªs D. Cecília Rosa de Sousa Martins Santos e D. Augusta Maciel de Sousa; no dia 1 de Março, o nosso prezado amigo sr. Manuel da Cunha Machado; no dia 2, os nossos prazados amigos srs. João Salgado da Cunha, conceituado industrial no Pevidém, e Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, conceituado comerciante, e a sr.ª D. Maria Alice Branco; no dia 3, a menina Maria Fernanda da Silva Gomes, filha do nosso amigo sr. José Ferreira Gomes e da sr.ª D. Maria Amélia da Silva; a sr.ª D. Maria Albertina Carneiro Carvalho da Silva Guimarães, esposa do nosso bom amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães, e os nossos prazados amigos srs. José Alberto Pimenta Machado, Manuel da Costa Pedrosa, director do Internato Municipal, Abel Sampaio, João Ferreira Rodrigues, Carlos Alberto Teixeira e José Raúl Campos de Carvalho; no dia 4, as sr.ªs D. Rosa de Jesus Ribeiro e D. Maria Luisa Correia da Silva Vinagreiro, esposa do nosso bom amigo sr. Domingos Pereira de Sousa Vinagreiro; os nossos bons amigos srs. Joaquim António da Cunha Machado e Jaime da Cunha Guimarães, conceituado industrial em Pedome, e o também nosso prezado amigo sr. António Leite Vilaça Ferreira e sua irmã a sr.ª D. Maria Amélia Vilaça Ferreira.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Joaquim de Sousa Oliveira — Passa amanhã, 27, o 59.º aniversário natalício do benquisto industrial vizelense e nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Oliveira, prestante cidadão e benemérito, que goza entre nós da maior estima.

Felicitando-o, desejamos-lhe a melhor saúde e prosperidades.

Doutor António Paúl — No próximo dia 2 de Março, fas anos o nosso querido amigo e distinto médico cirurgião no Porto sr. dr. António Paúl, a quem abraçamos, com votos pela continuação de suas prosperidades.

Rev. dr. Francisco de Melo — Faz anos no dia 3 de Março este nosso querido amigo, ilustrado pároco de S. Pedro da Raimonda (Freamunde) e conhecido orador sagrado, que nesta cidade, onde se fez ouvir diversas vezes em imponentes solenidades religiosas, conta grande número de admiradores e amigos.

Felicitando o querido Amigo fazemos sinceramente os melhores votos pela continuação de sua preciosa saúde.

No dia 7, completou três risonhas primaveras, a filha do nosso prezado amigo sr. Salustiano Abreu Lopes. Parabéns.

Fizeram anos, no dia 22, a sr.ª D. Amélia Ribeiro Guise Carvalh, esposa do nosso bom amigo sr. Pedro de Sousa Carvalho, e ontem, 25, a sr.ª D. Maria José Barbedo Garcia, esposa do nosso bom amigo sr. João de Almeida Garcia.

Os nossos cumprimentos.

Bodas de Prata Matrimoniais

A sr.ª D. Graziela Cerqueira Machado Pinto de Almeida e o sr. José Maria Pinto de Almeida, da Casa da Renda, de Lordelo, festejam amanhã as Bodas de Prata do seu casamento, motivo por que lhes apresentamos os nossos cumprimentos, com muitas felicitações e votos de muitas prosperidades para o seu Lar.

Partidas e chegadas

Acompanhado por seu filho, sr. Guilherme da Silva Paúl, esteve no domingo entre nós, tendo-nos dado o grato prazer da sua visita, o

algumas afirmações. Falou em primeiro lugar o sr. dr. Pinto Cruz, Administrador da Cidra no Porto, que teve palavras de simpatia para Guimarães e para a firma Teixeira & Freitas Ltd., falando em nome desta, num brilhante improviso, no decorrer do qual fez curiosas e oportunas considerações, o sr. dr. Brochado Teixeira. Falaram ainda os srs. Jaime de Sousa Correia e Eduardo Graça, que manifestaram também o seu a preço pelo bom gosto das instalações, bem dignas da cidade de Guimarães e da sua gente.

Grundig

70 modelos diferentes a partir de 1.290\$00



Mod. 7060 W 3 D
Esc. 7.900\$00

Rádio

Sorteio mensal no valor de 2.000\$00 entre todos os clientes do Grundig.

Consulte o AGENTE

A. GOUVEIA

Rua Paio Galvão Av. Conde de Margaride
Stands 10 e 11 TELEFONE 40436 Stands 3 e 4
GUIMARÃES

nosso querido amigo e distinto cirurgião no Porto, sr. Doutor António Paúl.

Também esteve nesta cidade, de visita a seu irmão sr. Dr. Armando Teixeira de Faria, que tem estado bastante doente, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, distinto médico em Aveiro.

Esteve nesta cidade o nosso distinto Colaborador e Amigo sr. Coronel António de Quadros Flores.

Esteve entre nós o nosso bom amigo sr. Firmino Gonçalves Conde, residente no Porto.

Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Eng.º José Clemente Sanches Dias Pereira.

De visita a seus pais esteve nesta cidade o aspirante de artilharia, sr. Vitorino de Sousa e Murta, filho do sr. Manuel Pereira Murta, funcionário do Tribunal Judicial.

Esteve nesta cidade o nosso amigo sr. António de Freitas Almeida, residente na Maia.

Com sua esposa partiu para Lisboa o nosso bom amigo sr. Valeriano Abreu.

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo sr. António da Silva Cardoso, de Santa Maria de Airão.

Doentes

Tem passado doente, há já umas semanas, o nosso bom amigo sr. Armando Ribeiro Martins.

Vão-se acentuando as melhoras do digno Chefe dos C. T. T. sr. Julião Carneiro da Silva.

No Hospital da Misericórdia, onde se encontra em quarto particular, foi operado de emergência, no passado domingo, à noite, o nosso prezado amigo sr. Dr. Armando Teixeira de Faria, Tesoureiro da Câmara Municipal, cujas melhoras se vão acentuando.

Continua em tratamento na mesma Instituição Hospitalar o nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise.

Vão-se acentuando, dia a dia, as melhoras do nosso prezado amigo sr. Dr. João Alberto Mota Prego de Faria, que continua em tratamento no Hospital da Trindade, no Porto.

Foi há dias operado no Hospital da Misericórdia, onde continua em tratamento, encontrando-se bastante melhor dos seus incómodos, o nosso bom amigo sr. Manuel de Oliveira Félix.

Continua melhor dos seus padecimentos a sr.ª D. Maria José Queirós Dias de Castro.

Desejamos sobrevele completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Joaquim de Sousa Marques

Com a propecta idade de 83 anos e confortado com todos os sacramentos da S. M. Igreja, finou-se, na sua residência, à Rua de S. Torcato, o proprietário sr. Joaquim de Sousa Marques, viúvo, pai da sr.ª D. Matilde Ribeiro Marques Leite, casada com o distinto clínico e Vereador da Câmara Municipal, sr. Dr. Júlio Soares Leite, e do sr. Fortunato Ribeiro Marques.

O extinto foi um católico praticante que serviu diversas associações de piedade.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se anteontem, na Igreja da V. O. T. do Carmo, onde foram rezadas missas de corpo presente e os officios de sepultura, actos que registaram a assistência de muitas pessoas das relações do extinto e da família, entre as quais estiveram representadas a Câmara Municipal, a Mesa e Corpo Clínico da Santa Casa da Misericórdia, Direcção e pessoal do Posto Clínico das Caixas de Previdência e diversas instituições religiosas da cidade.

Após o serviço fúnebre, o cadáver foi trasladado, para o cemitério paroquial de Azurém, com grande acompanhamento.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Luís Soares Leite, de Gémeos.

A toda a família enlutada, de um modo especial ao nosso ilustre Colaborador, sr. Dr. Júlio Soares Leite, apresenta «Notícias de Guimarães» sentidas condolências.

Use Gazzidla

D. Laura da Costa Pedrosa Fernandes

Na sua residência, em Vizela, faleceu, no dia 22 do corrente, a sr.ª D. Laura da Costa Pedrosa Fernandes, de 62 anos de idade, casada com o sr. Manuel Fernandes. A extinta era estimada irmã do sr. Manuel da Costa Pedrosa, Director do Internato Municipal desta cidade, e cunhada da sr.ª D. Virgínia das Dores Simões Veloso de Almeida Pedrosa.

O seu funeral realizou-se no dia 23, com solenes exéquias, na paróquia de S. João das Caldas de Vizela, tendo o seu corpo sido depositado em jazigo de família. Dotada de raras virtudes cristãs, sempre pronta a fazer bem, exerceu largamente a caridade, deixando todos os seus mergulhados no mais profundo pesar.

A família dorida e especialmente ao nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Pedrosa, sub-director do Internato Municipal, apresentamos sentidas condolências.

D. Brígida Teixeira

Na sua residência, no lugar do Caastanheiro, Urgez, faleceu a sr.ª D. Brígida Teixeira, mãe das sr.ªs D. Emilia dos Anjos da Silva e D. Ana dos Anjos da Silva Mendes e sogra dos srs. João Francisco da Costa e Bento Mendes, tendo-se efectuado o funeral, com grande concorrência, anteontem, para o cemitério municipal, em cuja capela foi rezada missa do corpo presente.

A família dorida apresentamos condolências.

De luto

Guarda luto pelo falecimento de uma sua tia ocorrido em Viana do Castelo, a esposa do nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão). As nossas condolências.

Vida Católica

Domingo 2.º da Quaresma.
 Missa própria, sem Glória.
 Credo.
 Paramentos de cor roxa.

Mês de S. José

Principiam, na próxima quinta-feira, dia 1 de Março, os exercícios do mês de S. José, com o seguinte horário:

Basilica de S. Pedro, às 6; Igrejas paroquiais de S. Sebastião e de S. Paio, às 8; Igreja de N. S.ª do Carmo, às 7,30; Igreja do Hospital (Capuchos), às 6,30; Capela de S. Domingos, às 7 e nos dias de lausperene, de tarde; Capela de S. Francisco, às 17,30; Santuário de N. S.ª do Perpétuo Socorro, às 18, e aos domingos, às 16,30; Igreja de N. S.ª da Oliveira, às 21.

Comunhão Pascal

Está a decorrer, na Igreja de N. S.ª da Oliveira, a comunhão pascal das famílias, que se prolongará até ao Domingo de Ramos.

Haverá, todos os dias, confissões nesta Igreja, das 7 às 10 horas da manhã, e de tarde das 17 às 20.

Na Igreja Paroquial de S. Sebastião (Domingas), haverá, no próximo domingo, dia 4, a comunhão pascal de todas as crianças da paróquia.

Devoção das Primeiras Sextas-Feiras

Como de costume, também haverá, na próxima sexta-feira, a devoção mensal em honra do S. C. de Jesus, em vários templos da cidade, e no Santuário de N. S.ª do Perpétuo Socorro haverá a Santa Missa pelas 18,30 horas e comunhão geral, com Bênção do Santíssimo.

Diversas Notícias

Desastre mortal

Quando trabalhava nas obras dos Paços dos Duques de Bragança e por ter caído de um muro de considerável altura, morreu o operário

Câmara Municipal

SESSÃO DE 23-2-58

A Câmara, sob a presidência do Eng.º sr. António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Vice-Presidente em exercício, deliberou:

- Associar-se à proposta do ex.º Vice-Presidente que ditou para a acta um voto de profundo pesar pelo falecimento de Joaquim de Sousa Marques, sogro do sr. Vereador dr. Júlio Soares Leite;
- Tomar conhecimento da carta recebida do ex.º sr. dr. João Café Filho, na qual agradece a oferta de um álbum de fotografias referente à sua visita a esta cidade;
- Organizar o processo de ampliação do cemitério da freguesia de Airão Santa Maria;
- Adquirir o material indicado pelos Serviços Municipalizados para instalação de mais duas bocas de rega no viveiro do Cemitério Municipal;
- Adjuquir a Sebastião de Freitas os trabalhos de reparação da ala direita do Mercado Municipal, pela importância de 4.400\$00; e a José da Costa os trabalhos de reparação das grades em ferro que vedam o acesso aos Stands da mesma ala, pela importância de 2.200\$00;
- Deferir o pedido de Amadeu C. Penafort & Filhos, para colocação de um anúncio luminoso no stand n.º 7 do Mercado Municipal, com frente para a Rua de Faio Galvão;
- Conceder licenças para obras a Adriano de Freitas, Ilídio Alves, José da Cunha Paredes, Joaquim Marques e Joaquim Rodrigues Guimarães;
- Conceder licenças de habitação, de harmonia com os respectivos autos de vistoria, à Cooperativa «O Problema da Habitação» e a Firmino da Silva Ribeiro;
- Informar o sr. José Pedro, da freguesia de Polvoreira, que não é possível a construção do prédio no local indicado, pelas razões que constam da informação da Reparação de Obras;
- Abrir concurso público para a obra de abastecimento de água, por fontanário, e construção de um lavadouro no lugar do Assento, da freguesia de Oleiros.

Guimar, L. da - Projectos

Use Gazzidla

Teatro Jordão

APRESENTA

— HOJE, N.º 15 A N.º 21,30 HORAS —
 A MANHÃ, 2.ª-FEIRA, 27 -- N.º 21,30 HORAS

VISTA VISION

Nem sempre o copação manda

com James Stewart e June Allyson
 (Espectáculo para maiores de 13 anos)

TRIPA-FEIRA, 28 -- N.º 21,30 HORAS
 A QUARTA-FEIRA, 29 -- N.º 21,30 HORAS

CINEMA SCOPE

A CARGA DOS FUZILEIROS

com Tyrone Power, Terry Moore e Michael Rennie
 (Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 1 -- N.º 21,30 HORAS

Coração apaixonado

com Marta Toren e Richard Basehart
 (Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 1 -- N.º 21,30 HORAS

OS BRAVOS NÃO SE RENDEM

com Joan Leslie e Forrest Tucker
 (Espectáculo para maiores de 18 anos)

Use Gazzidla

pedreiro Nicolau de Castro, de 50 anos, natural de Arões (Fafe).
 Deixa viúva e seis filhos menores.

Morte súbita

Foi atacado de doença súbita, no Largo 1.º de Maio, João de Freitas, casado, de 60 anos, da freguesia de Creixomil. Conduzido ao Hospital faleceu ao chegar ali.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

Cooperativa Popular de Guimarães

A Direcção desta Cooperativa pede-nos para levar ao conhecimento de todos os seus associados que se realiza no próximo dia 18 de Março, pelas 9 horas, no salão das Oficinas de S. José (às Capuchinhas), a Assembleia Geral Ordinária, para prestação de contas da gerência de 1955.

O amor à Terra e à Grei
 — eis o nosso lema.

AS NOVAS INSTALAÇÕES duma importante Agência

(Continuação da 1.ª página)

N. R. e da P. S. P.; dr. Gonçalo Leite de Faria, vereador da Câmara Municipal; Nuno Brito e Cunha, director Comercial da Cidra; dr. Eduardo Pinto da Cruz, Director da Filial da Cidra no Porto; José Almeida Campos, Inspector da mesma Sociedade; F. Parkensou, en-

da Costa, Almor Santana Pereira Vaz, Gerente da Agência do Banco Ferreira Alves e Pinto Leite; António Mendes Serrano, agente do Banco de Portugal; Avelino da Silva, José Carlos de Oliveira Pinheiro e António Guise, respectivamente, guarda-livros e agente de



A Secção de Vendas da Firma Teixeira & Freitas, Lda.

genheiro da Sacor; Eng.º Gonçalo Lencastre e Jovita Campos Ribeiro, Directores da Agência C. da Sacor no Porto; Eduardo Graça, Direc-

tor da Sacor; Jaime de Sousa Correia Júnior, sócio gerente da Soc. de Importação e Comércio de Automóveis NSU Fiat NECKAR; José Amaral, Inspector da Sacor; D. Bernardo Azenha, José Coimbra Pirito, Arquitecto Mário Manuel Braga



No Stand de Exposição da Firma Teixeira & Freitas, Lda.

admiração os artigos expostos, elogiando mercedamente os sócios da referida firma pela sua iniciativa. Esta, por sua vez, num gesto de muita distinção, ofereceu aos seus representados e demais convidados, um «Porto d'honra», que teve lugar no restaurante Jordão e no decorrer do qual se fizeram

algumas afirmações. Falou em primeiro lugar o sr. dr. Pinto Cruz, Administrador da Cidra no Porto, que teve palavras de simpatia para Guimarães e para a firma Teixeira & Freitas Ltd., falando em nome desta, num brilhante improviso, no decorrer do qual fez curiosas e oportunas considerações, o sr. dr. Brochado Teixeira. Falaram ainda os srs. Jaime de Sousa Correia e Eduardo Graça, que manifestaram também o seu a preço pelo bom gosto das instalações, bem dignas da cidade de Guimarães e da sua gente.

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

A. Viseu, 1—Vitória, 2
Admirável falange de apoio

Já, há muito tempo, não se verificava um tão grande interesse pelo Vitória, como no momento presente. Pode ser isto fruto dos bons resultados obtidos e, consequentemente, do lugar que o Clube ocupa na tabela da classificação. Mas, o que é evidente, é que o Vitória tem arrastado consigo para as terras, onde tem de ir jogar, uma falange de apoio numerosa e admirável, quanto ao entusiasmo com que incita a sua equipa favorita.

A jornada de Viseu foi formidável nesse sentido. Uma vintena de camionetes e muitas dezenas de automóveis levaram à capital da Beira Alta muitos vimaranenses—dois milhares talvez. Isto representa a força do Vitória e o interesse que a população da Cidade e Concelho tem pelo seu Clube mais representativo.

Eram de todas as condições sociais os vimaranenses que se deslocaram a Viseu. Desde o capital ao trabalho todos, com unidade, foram dar o seu apoio ao Vitória. E todos demonstraram o seu civismo e a sua educação, num incitamento constante, barulhento e correcto, de tal modo que mereceu este comentário do correspondente do «Mundo Desportivo», em Viseu: «Foram os visitantes recebidos com a habitual hospitalidade beirão a qual corresponderam galhardamente, indo ao ponto de, por intermédio das figuras mais representativas, lamentar o precalço sucedido ao Académico, imerecido, dada a valia da equipa».

E ainda de tal modo foi em Viseu o apoio dos vimaranenses ao seu Clube, como aliás o já tinha sido em anteriores deslocações, que Fernando Vaz, o dedicado e sábio técnico que orienta o Vitória, teve para nós, a frase que encima estes comentários, numa síntese sincera de admiração:

—Admirável falange de simpaticizantes!

*
Técnicamente o jogo de Viseu foi pobre. Obtiveram-se os dois pontos, que firmaram a entrada do Vitória na poule final, e isso, parece-nos, que era o essencial.

Também a equipa não podia demonstrar totalmente o seu valor real, dadas as falhas com que se apresentou. Felizmente, como já dissemos no nosso anterior comentário, o Vitória possui hoje um lote de jogadores que permite diversos arranjos e isto tem sido fundamental para os resultados que tem vindo a obter.

A equipa vimaranense desenvolveu o seu jogo cuidadosamente, não adiantando muito os seus médios, de modo a estes estarem sempre em posição de *dobrarem* as defesas laterais, que não eram os titulares.

Individualmente queremos destacar Bártolo, pela maneira como, com regularidade, executou sempre a jogada de vir atrás receber a bola do defensor ou do médio e lançá-la, com oportunidade, para o avançado-centro desmarcado para a linha lateral, embora continuasse imperfeito quanto ao remate à baliza. Neste sentido evidenciou-se Semedo, que se estreou na equipa, demonstrando elevado sentido de agressividade para a baliza adversária.

*
Ficha do jogo — Vitória: Silva, Cerqueira e Cesário; Bibelino, Silveira e Artur; Bártolo, Rinaldi, Rola, Semedo e Benje. A. Viseu: Medina, Mário e Angelo; Santiago, Rodrigues e Almeida; Figueira, Di Paola, Avelino, Esteves e Sebastião. Arbitro, Vieira da Costa, do Porto.

Os golos foram todos marcados na segunda parte, por Benje e Semedo, para o Vitória, e por Santiago, para o A. Viseu.

Resultados gerais da jornada:

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

A. Viseu, 1—Vitória, 2; U. Coimbra, 4—Salgueiros, 3; Leões, 5—Chaves, 1; Sanjoanense, 1—Peniche, 0; Vianense, 5—Leixões, 2; Tirsense, 0—Espinho, 2; Gil Vicente, 1—Boavista, 4.

Hoje joga-se a penúltima jornada desta poule, com os encontros seguintes: Vitória-U. de Coimbra; Leões-Boavista; Chaves-Vianense; Leixões-Tirsense; Espinho-Sanjoanense; Peniche-A. Viseu; Salgueiros-Gil Vicente.

O encontro da Amorosa vai ser jogado pelo Vitória contra uma equipa que tem como principal característica a voluntariedade. Estes jogos nunca são fáceis, dada a generosidade que estas equipas põem sempre na luta, mas esperamos, logicamente, o triunfo, dada a superior capacidade da equipa vimaranense.

L. R.

Campeonato Nacional de Juniores

O Desportivo Francisco de Holanda foi a Bragança alcançar um ótimo resultado, triunfando do Desportivo local, amplamente, por 4-1. Toda a imprensa assinalou o feito e evidenciou a superioridade técnica demonstrada pela equipa dos *escolares* vimaranenses. Este resultado pode vir a ser um grande passo para a sua classificação, quanto à disputa da fase seguinte da prova.

Esta classificação está fundamentalmente pendente do resultado do jogo que hoje se disputa na Amorosa, entre a equipa vimaranense e o Valadares, que comanda a classificação da poule. Deven competirem-se da responsabilidade do encontro todos os jogadores do D. F. Holanda e esperamos, da parte do público vimaranense, um apoio constante a esta equipa que está, numa forma brilhante, a representar o futebol juvenil vimaranense neste Campeonato.

Use Gazcidla

Notícias de Guimarães n.º 1260--26-11-1956



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ARREMATACÃO

1.ª publicação

No dia 10 de Março próximo, pelas 11 horas, no Tribunal do 2.º Juízo desta comarca de Guimarães, terá lugar a arrematação em hasta pública e em primeira praça, do prédio ao deante mencionado e penhorado nos autos de execução ordinária em que são exequentes Manuel Carlos Guimarães Ayres de Azevedo, solteiro, maior, e Doutor Fernando Ayres, advogado e executadas Dona Luiza Cândida Lemos de Almeida e outras, a saber:

PRÉDIO

Metade de uma morada de casas de um andar com lojas e quintal, sita na rua Gil Vicente, n.º 59 a 65, desta cidade, descrita na Conservatória competente sob o n.º 22.961 e inscrita na matriz respectiva no art.º 493, que é posta em praça pela quantia de oitenta mil escudos.

A cargo do arrematante ficam as despesas da praça e o pagamento da sisa.

Guimarães, 8 de Fevereiro de 1956.

O Jutz de Direito,
Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe da 1.ª Secção
José Maria Soares.

CALÇANDO DA SAPATARIA LUSO TERÁ A COMODIDADE EM SEUS PÉS.

REPARTIÇÃO DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS E DO TRABALHO PRISIONAL E CORRECCIONAL

BRIGADA DE TRABALHO PRISIONAL DE GUIMARÃES

Fornecimento duma viatura pesada

Encontra-se aberto o concurso para o fornecimento duma viatura pesada, com chassis, carroçaria, pneus (com respectivo sobreselente), a gasóleo, de 7 a 10 toneladas, cujas características devem ser indicadas em proposta a apresentar na Brigada de Trabalho Prisional de Guimarães, até ao dia 2 de Março próximo, às 15 horas.

As condições e mais elementos para este fornecimento, estão patentes na Secretaria da referida Brigada.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1956.

O Director da Cadeia,

Mário Augusto Fernandes Afonso.

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.ª.

D. Luísa Marques de Araújo Matos

AGRADECIMENTO

Herculano de Matos cumpre o dever de vir, por este meio, manifestar o seu público e profundo reconhecimento a todas as pessoas amigas que o confortaram com provas de amizade, que jamais poderá esquecer, por ocasião do falecimento e funeral de sua saudosa esposa, afirmando que muito o sensibilizaram todas essas manifestações de solidariedade.

Guimarães, 25 de Fevereiro de 1956.

Herculano de Matos.

COOPERATIVA «ECONÓMICA GUIMARANENSE»

E' convocada a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 4 de Março, pelas 14 horas, na sede social, afim de discutir e aprovar o Relatório e Contas da Gerência e Parecer do Conselho Fiscal.

Não comparecendo número legal, fica transferida para o dia 11 à mesma hora e no mesmo local.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1956.

O Presidente,

José Jacinto Júnior.

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

SULFATO DE MAGNÉSIA CALCINADO

"CHEMAG"

O mais indicado para a Indústria Têxtil
DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

SANTOS, MOUTA, LIMITADA
Praça do Município, 267-5.º — PORTO

CORRESPONDENTE:

DOMINGOS COSME VIEIRA
GUIMARÃES

Ofertas e Procuraas

Fábrica de Tecidos

Vende-se com 50 teares mecânicos e seus acessórios, assim como o prédio onde a mesma está instalada. Para informações, telefone número 4359.

Automóvel — Vende António Vieirados Santos ou Gabriel da Silva. Para ver Rua de S. Dâmaso, 129.

Viajante encartado — Relacionado com a indústria e comércio, oferece-se. Resposta à Redacção às letras B. F.

Prédio novo, de óptima construção, vende-se com ou sem recheio, na Rua Abade de Tagilde, em virtude do seu proprietário não poder, por motivo de doença, administrar os seus negócios. Tratar na Casa Simão, na mesma Rua, com Viúva de Simão Fernandes.

VENDE-SE

A propriedade da viúva Maria do Carmo Sequeira, no lugar da Vista Alegre (Polvoreira). Dois prédios com dois andares e cinco de rés-do-chão e estabelecimentos de padaria, mercearia e vinhos, com o rendimento de 20 contos por ano, um pomar com frutas e terrenos com rendimento de 8 pipas de vinho. 2 poços, um de bomba e um de motor eléctrico e água encanada.

Para informações, falar com Adão da Silva, no lugar do Mirante, em Polvoreira, ou António Ferreira, em Covas.

Vendem-se Quatro teares mecânicos, sendo dois de 0,70 e um de 1,40, de caixa, e outro de 1,80, uma encartadeira, uma urdideira, um motor eléctrico e mais utensílios. Para ver e tratar com Manuel Fernandes — Ponte de Selho (S. Lourenço) — Guimarães.

PENSÃO SÃO JORGE
1.ª CLASSE
R. Castilho n.º 59-1.º — Tel. 49906
LISBOA
A MAIS MODERNA
Conforto, Selecção, Excelente Cozinha
DIARIAS DESDE ESC. 50\$00

Guimar, L.ª - Empreitadas

Sapataria ESTRELA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 (Junto à Mariquinha)

OFICINA PERMANENTE DE CONSERTOS

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Calçado por Medidas
Mane consertar calçado nesta Casa
Garante o que Vende

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471.

DISCOS PHILIPS

ÚLTIMAS NOVIDADES EM TODOS OS GÊNEROS MUSICAIS

A. GOUVEIA

Distribuidor em Guimarães da Casa RICARDO LEMOS

Rua Paio Galvão — Stands 10 e 11

(Gabinets para audição)

Tubos termo-elásticos Unilene

A conduta ideal para:

Águas, Vinho, Ácidos e Ar comprimido
Não quebra, não apodrece

Não altera, é soldável

FORNECIDO EM BOBINES DE 25-50-100

ACESSÓRIOS para todas as aplicações

Agente em Guimarães:

GUIMAR, L.ª

Avenida Conde de Margaride — Guimarães

TELEFONE 4113 (2 linhas)

Grande Reclame

POR UM ESCUDO PODE V. EX.ª ADQUIRIR UMA ÓPTIMA CANETA DE TINTA PERMANENTE INSCREVENDO-SE NAS VENDAS A PRESTAÇÕES DE 1\$00 POR SEMANA NA

CASA DAS NOVIDADES RUA DA RAINHA GUIMARÃES

LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

AGENTES DA

SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

TELEF. 4547

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA

Francisco Joaquim de Freitas Pereira

Ex-interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS

Médico Vacinador (B. C. G.)

ONDAS CURTAS

CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.º Consultas:

RESIDÊNCIA: Av. Conde Margaride 2.º, 4.º e Sábado
TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas